**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

LEILA CRISTINA DA SILVA

**O PAPEL DOS MARCADORES DISCURSIVOS NA ESCRITA E NA FALA: UMA
TAXONOMIA TEXTUAL E INTERPESSOAL SOB O ENFOQUE DA LINGUÍSTICA
SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA
E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**SÃO PAULO
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

LEILA CRISTINA DA SILVA

**O PAPEL DOS MARCADORES DISCURSIVOS NA ESCRITA E NA FALA: UMA
TAXONOMIA TEXTUAL E INTERPESSOAL SOB O ENFOQUE DA LINGUÍSTICA
SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Dissertação apresentada em atendimento à exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem à Banca Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sumiko Nishitani Ikeda

SÃO PAULO

2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sumiko Nishitani Ikeda (orientadora)

Prof

Prof.

Aos meus pais,
pelo exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Sumiko Nishitani Ikeda, pela infinita competência, pela compreensão das minhas dificuldades e pela presteza para o traçado de caminhos seguros.

Aos professores do LAEL, a todos eles, pelo sorriso amigo e disposição incondicional para preciosas ajudas.

Aos funcionários do LAEL, que tanto sabem fazer do trabalho um estímulo à convivência harmoniosa entre todos nós.

A todos os colegas, de todas as turmas, com quem tivemos a alegria de dividir sonhos e tropeços, pela cumplicidade fortalecedora.

Aos meus familiares e aos amigos, pelo incentivo.

À Banca Examinadora, pela imprescindível orientação.

Por fim, a todos os que mereceriam um agradecimento especial, e não o vêem aqui, mas compreendem o meu MUITÍSSIMO Obrigada!

EPÍGRAFE

“Tudo posso naquele que me fortalece.”

Filipenses 4:13

RESUMO

Um dos fatores que interferem negativamente na produção de textos considerados insatisfatórios é o desconhecimento por parte do escritor de que a léxico-gramática da modalidade oral é diferente daquela da escrita, e que diferentes gêneros do discurso exigem diferentes escolhas linguísticas. Como resultado dessa situação, e como a modalidade oral é a que se adquire antes da escrita, não é de estranhar que várias características do texto oral acabem permeando o texto escrito, marcando-o com nuances da oralidade. Uma dessas características diz respeito aos marcadores discursivos (MDs). Há, a propósito, muita controvérsia a respeito do significado da expressão 'marcadores discursivos'. Assim, para Taboada (2006), a primeira dificuldade no exame dos MDs está na definição exata do que são e como chamá-los. Hempel e Degand (2008) estudam esses marcadores que elas denominam marcador de *frame* ou marcador metadiscursivo de organização, baseando-se em classificação de metadiscorso textual (HYLAND; TSE, 2004: 169). Thompson e Thetela (1995), examinando a metafunção interpessoal (HALLIDAY, 1994), propõem a divisão dessa metafunção em três funções: (a) *pessoal*, posicionamento do escritor; (b) *interacional*, gerenciamento das relações entre escritor e leitor; e a função (c) *interativa*, com instrumentos que guiam o leitor através do texto, considerada, assim, também um elemento interpessoal, ao contrário de Halliday que a consideraria parte da metafunção textual. O objetivo desta dissertação de mestrado é examinar, na língua portuguesa, em textos orais e escritos, a ocorrência do marcador metadiscursivo de organização textual (MMT) e interpessoal (MMI), segundo Dafouz-Milne (2008), baseado em classificação de Hyland e Tse (2004). Para tanto, deve responder às seguintes perguntas de pesquisa: Quais são os MMTs e os MMIs que mais ocorrem nas modalidades oral e escrita? De que modo essas ocorrências ajudam a compreender a sintaxe característica dessas modalidades? O *corpus* deste trabalho compõe-se de uma entrevista, coletada pelo Projeto NURC e de um artigo de opinião publicado no Jornal Folha de São Paulo. A pesquisa tem apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, uma abordagem que procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permite uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

Palavras-chave: Marcadores discursivos; Artigo de opinião; Conversa.

ABSTRACT

One of the factors that negatively interfere in text productions which are considered unsatisfying is the unfamiliarity, by writers, with the oral modality lexicogrammar which differs from that of the written modality and the fact that specific genres of speech require specific language choices. As a result and based on the fact that the oral modality is acquired before the written modality, it is not surprising that several features of the oral text end up permeating the written text, marking it with oral nuances. One of such features concerns the discourse markers (DMs). By the way, there is much controversy about the meaning of the expression 'discourse markers'. Thus, to Taboada (2006), the first difficulty concerning the DMs is exactly defining what they are and what to call them. Hempel e Degand (2008) have studied such markers which they name *frame* marker or organization metadiscourse marker, based upon the textual metadiscourse classification (HYLAND; TSE, 2004: 169). Thompson and Thetela (1995), examining the interpersonal metafunction (HALLIDAY, 1994), propose to divide such metafunction into three functions: (a) *personal*, the writer's stance; (b) *interactional*, the carrying of relations between reader and writer and (c) *interactive*, having tools that lead the reader through the text, thus considered as an interpersonal element. Halliday, however, would consider it part of the textual metafunction. The objective of this dissertation is examining the occurrences of organization textual discourse markers (TDMs) and interpersonal discourse markers (IDMs) in Portuguese in oral and written texts, according to Dafouz-Milne (2008), based on the classification of Hyland e and Tse (2004). Therefore, it must answer the following questions: (1) what are the TDMs and IDMs that mostly occur in the oral and written modalities? (2) How can these occurrences help to understand the syntax characteristics of these modalities? The corpus of this research is composed by an interview made by Projeto Nurc and by an opinion article published by Folha de São Paulo. The research is supported by Systemic Functional Linguistics, an approach that tries develop a theory about language as a social process and a methodology that allows a detailed description systematic description of the linguistic patterns.

Keywords: Discourse markers; Opinion article; Conversation.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO.....	11
--------------------	----

CAPÍTULO II

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 A Linguística Sistêmico-Funcional.....	15
2.1.1 A Metafunção Interpessoal.....	17
2.2 MDs: Coesão e Interação.....	18
2.3 MDs: A Coerência Discursiva.....	20
2.4 Marcadores Pragmáticos.....	21
2.5 O Metadiscurso.....	23
2.5.1 O Metadiscurso Textual.....	23
2.5.2 Os Marcadores Metadiscursivos de Organização - Os Sequenciadores.....	28
2.5.3 Gênero.....	31
2.6 MDs: A Validade de Seu Estudo.....	33
2.7 Os marcadores Metadiscursivos Textual e Interpessoal e a Persuasão.....	36
2.7.1 O Papel dos MDs em Artigos de Opinião: Uma Taxonomia Textual e Interpessoal.....	38
2.7.2 O Metadiscurso Textual.....	39
2.7.3 O Metadiscurso Interpessoal.....	40

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA.....	42
3.1 Dados.....	42
3.2 Procedimentos de Análise.....	42

CAPÍTULO IV

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	44
4.1 A Ocorrência de MMTs e MMIs na Modalidade Oral e na Modalidade Escrita.....	65

CAPÍTULO V	
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

O exame de textos escritos, envolvendo uma variedade de gêneros discursivos, produzidos por alunos do Ensino Médio, e mesmo por universitários, incluindo a pós-graduação, mostra que um dos fatores que interferem negativamente nessa produção é o desconhecimento por parte do escritor de que a léxico-gramática (palavras e construções) da modalidade oral é, em grande parte, diferente daquela da escrita. Nesse sentido, a tendência que se verifica é a transposição de escolhas léxico-gramaticais da modalidade oral para a modalidade escrita sem fazer as adaptações exigidas por esta última. Vários desses recursos têm a ver com o fato de – na fala – a pessoa estar face a face com o interlocutor, sofrendo a pressão de tempo decorrente desse fato, enquanto que na escrita isso não ocorre, podendo o escritor rever seu texto e editá-lo. Não se está avaliando essas modalidades: uma não é melhor e nem pior que a outra, apenas são diferentes porque cumprem funções diferentes.

Dentre os referidos recursos estão os que chamaremos, de um modo geral, de marcadores discursivos (doravante MDs), já que tanto a validade de seu estudo quanto a sua caracterização estão longe de ser esclarecidas.

Para Bordería (2008), a pesquisa sobre os MDs é um subcampo importante da pragmática que, nos últimos 30 anos, tem fornecido aos pesquisadores um rico corpo de fatos descritivos, e, além disso, seu estudo tem proporcionado, através de fatos observáveis, a descoberta de propriedades subjacentes da língua. Tanto o estudo dos MDs quanto a teorização sobre propriedades mais básicas da língua têm constituído o foco de algum dos trabalhos mais influentes no campo (e.g. HALLIDAY; HASAN, 1976; DUCROT *et al.*, 1980; ROULET *et al.*, 1985). Contudo, do ponto de vista cognitivo, há dúvidas quanto à importância do estudo específico dos MDs, segundo Bordería. Assim, Blakemore (2000 apud BORDERÍA, 2008) questiona a validade de pesquisas sobre os MDs, como se tem feito, ou seja, considerando grupos de unidades de efeitos cognitivos díspares. Ela julga que uma abordagem mais apropriada seria o deslocamento da ênfase dos MDs em si para as suas propriedades subjacentes.

Por outro lado, há muita controvérsia a respeito do significado da expressão 'marcadores discursivos'. Assim, para Taboada (2006), a primeira dificuldade no

exame dos MDs está na definição exata do que são e como chamá-los. Entre os termos usados estão: *marcadores de coerência, MDs, marcadores lexicais, operadores discursivos, conectivos discursivos, conectivos pragmáticos, conectivos sentenciais, instrumentos sinalizadores de discurso*, ou, até mesmo, '*particulazinhas incômodas*' – criada por Grimes (1975 apud TABOADA, 2006, p. 572).

As definições são diversas, continua Taboada, citando como exemplos o trabalho dos seguintes autores, que assim se posicionam: Fraser (1999) propõe que os MDs sejam conjunções, advérbios e frases preposicionais que ligam sentenças ou orações; Redeker (1990, 1991) sugere que os MDs liguem não apenas sentenças contíguas, mas a sentença ou a declaração em curso com o contexto imediato; Schiffrin (1987, 2001) acredita que os MDs tenham tanto funções locais quanto globais (i. e., eles podem ligar significados proposicionais ou, na conversa, determinar a estrutura de troca); Blakemore (1987, 1992, 2002 apud TABOADA, 2006, p. 572), que trabalha com a Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1995), afirma que essas marcas impõem restrições às implicaturas que o ouvinte pode extrair do discurso: discurso sem conectivos fica aberto a mais de um tipo de implicatura; e Louwrese e Mitchell (2003 apud TABOADA, 2006) consideram como conectivos os instrumentos coesivos que sinalizam relações de coerência, marcando pontos de transição dentro de uma sentença, entre sentenças, ou entre turnos, tanto em nível local quanto global da conversa e do discurso; nesse sentido, a consideração de MDs como instrumentos coesivos está alinhada com a descrição de coesão de Halliday e Hasan (1976), pela qual as conjunções sinalizam a coesão por meio de relações aditivas, adversativas, causais e temporais.

Alguns MDs são conjunções explícitas; assim, no exemplo (1), que é parte de uma conversa (TABOADA, 2001, p. 569), a conjunção 'se' indica que o que vem a seguir é uma condição para a declaração anterior (ou seja, que '8 de agosto' é uma boa data para o falante).

- (1) [Preparando a reunião]
Uh . . . dia 8 de agosto, às 9 e meia será perfeito. Se você concordar com isso também.

Outros marcadores discursivos são mais difíceis de identificar, continua a autora. Assim, em (2), citando exemplo de Mann (2005 apud TABOADA, 2006, p. 569), a

relação entre os segmentos (b) e (c) é de condição: 'no caso de o software ser dividido'. Aqui, o que sinaliza a condição é a frase preposicional 'no caso de'.

(2) [aviso de Copyright]

Este aviso não deve ser removido do software. E, no caso de o software ser dividido, ele deve ser colado em todas as partes.

Os MDs, de uma maneira geral, abrangem instrumentos coesivos com função interpessoal, isto é, na interação entre escritor e leitor, como veremos. Assim, Thompson e Thetela (1995), examinando a metafunção interpessoal, da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday (1994) e seus colaboradores, propõem a divisão dessa metafunção em três funções: (a) *peçoal*, que expressa o posicionamento do escritor; (b) *interacional*, que atua no gerenciamento das relações entre escritor e leitor; e, além dessas funções, a função (c) *interativa*, com instrumentos que guiam o leitor através do texto, considerada, assim, também um elemento interpessoal, ao contrário de Halliday que a consideraria parte da metafunção textual. Mais recentemente, Hyland (2005) e Hyland e Tse (2004) estabeleceram uma forte visão interpessoal dos MDs, chamados por eles de metadiscorso [veja a seguir], afirmando que todas as categorias metadiscursivas são essencialmente interpessoais já que elas precisam levar em conta o conhecimento, as experiências textuais e as necessidades de processamento do leitor.

Hyland e Tse (2004), trabalhando com a noção de metadiscorso, ensinam que há dois significados amplos ligados ao termo 'metadiscorso': (a) ele "pode referir-se ao discurso sobre o discurso, a qualquer tipo de interpretação crítica ou de exposição teórica de um dado discurso ou teoria" (MAO, 1993, p.265). Nesse caso, o termo 'discurso' é usado na perspectiva do conceito de 'discurso' de Foucault, i.e., como um sistema de representações, dos modos institucionalizados de pensar (FOUCAULT, 1978, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p. 679); (b) a segunda acepção do termo metadiscorso é mais concreta, e coincide com a função interativa, acima citada, de Thompson e Thetela (1995):

refere-se aos vários tipos de *tokens* linguísticos que um autor emprega no seu texto para guiar ou direcionar o leitor para o modo como deve entendê-lo, e o seu posicionamento em relação a ele (MAO, 1993, p.265).

A função interativa, que não deixa de pertencer ao metadiscurso textual da LSF, é assim claramente motivada, também, por aspectos interpessoais, e pode ser considerada como sendo o resultado de decisões feitas pelo escritor para tornar mais claras as conexões do texto e, assim, ajudar o leitor a navegar através do texto.

Dafouz-Milne (2008) trata da relação entre os marcadores metadiscursivos e a persuasão. Para persuadir, diz ela, os articulistas devem apresentar o material proposicional em uma forma que a audiência potencial o julgará mais convincente e atrativo. Além disso, para serem bem sucedidos, os escritores precisam criar uma *persona* textual, ou *ethos*, e desenvolver uma atitude apropriada em relação a seus leitores e às afirmações que apresentam. Na construção da *persona* textual, o metadiscurso desempenha um papel vital, segundo a autora. Contudo, enquanto a função persuasiva do metadiscurso em um texto tem sido discutida e provada (MAURANEN, 1993; HYLAND, 1998, 2005; DAFOUZ, 2003), o efeito persuasivo na audiência não está tão evidente. A autora, embora se alinhe com os princípios de que as categorias metadiscursivas são intrinsecamente interpessoais e em última instância almejam persuadir o leitor, prefere continuar a distinção funcional de marcadores metadiscursivos textuais (MMT) e marcadores metadiscursivos interpessoais (MMI).

O objetivo desta dissertação de mestrado é examinar, na língua portuguesa, em textos orais e escritos, a ocorrência do marcador metadiscursivo de organização textual (MMT) e interpessoal (MMI), segundo Dafouz-Milne (2008), baseado em classificação de Hyland e Tse (2004). Para tanto, deve responder às seguintes perguntas de pesquisa: Quais são os MMTs e os MMIs que mais ocorrem na modalidade oral? E na escrita? De que modo essas ocorrências ajudam a compreender a sintaxe característica dessas modalidades? O *corpus* deste trabalho compõe-se de uma entrevista, coletada pelo Projeto NURC e de um artigo de opinião publicado no Jornal Folha de São Paulo. A pesquisa tem apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, uma abordagem que procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permite uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Trago, a seguir, um panorama dos estudos do que, como vimos acima, é chamado de marcador discursivo (MD), numa tentativa de 'colocar uma ordem' nesse conjunto aparentemente caótico que reúne funções morfossintáticas, semânticas e pragmáticas. Iniciamos com uma breve explicação das metafunções textual e interpessoal (HALLIDAY, 1994), em que se baseiam os MDs textuais e interpessoais. A seguir, apresentamos as várias propostas para compreensão e a classificação dos MDs: Risso (1996; 1999), para quem os MDs respondem pela coesão e pela interação no texto; Taboada (2006), que trata das relações retóricas conseguidas através dos MDs, afirmando que há muitos mecanismos diferentes em jogo: morfológico, sintático, semântico e pragmático; Fraser (2009), que propõe o papel de orientador de tópico para os MDs; Hempel e Degand (2008), que tratam do metadiscurso textual e sua função interpessoal; Dafouz-Milne (2008), que fala da persuasão relacionada aos marcadores metadiscursivos textual e interpessoal. Finalmente, trazemos o questionamento que Bordería (2008) faz do estudo dos MDs, para mostrar as razões da dificuldade de demarcar o território ocupado por esses elementos, como fica claro através dos autores examinados nesta pesquisa.

2.1 A Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma teoria iniciada por Halliday (veja HALLIDAY, 1994), linguista britânico, radicado há muitos anos na Austrália. Segundo essa teoria, a linguagem é formada por muitos sistemas, cada um representando um tipo de escolha (quase sempre inconsciente) de sentido feito pelos falantes; além disso, essas escolhas servem para os falantes realizarem coisas com a língua, segundo Sardinha (2007).

Segundo Eggins (1994), os sistemicistas, partindo da descrição de como a língua é usada em textos autênticos, examinam a questão de como ela está estruturada para esse uso. Os usuários da língua não interagem apenas para trocar sons uns com outros, nem palavras ou sentenças, mas para construir significados (três simultâneos, os já referidos: ideacional (experencial + lógico), interpessoal e o

textual) a fim de entender o mundo e o outro. A finalidade principal da língua é, portanto, semântica, para a LSF.

Na LSF, entende-se que há três funções primordiais que os falantes exercem com a linguagem, chamadas de metafunções, porque elas sintetizam muitas outras:

- Metafunção interpessoal: refere-se às relações entre pessoas expressas na linguagem.
- Metafunção ideacional: refere-se ao conteúdo, propósito, assunto ou tópico de que as pessoas tratam.
- Metafunção textual: refere-se à maneira como as pessoas organizam a fala e a escrita de acordo com seu propósito e as exigências do meio sócio-histórico-cultural.

Essas metafunções agem juntas: cada palavra que dizemos realiza as três metafunções. Em sendo assim, tudo que expressamos linguisticamente quer dizer, simultaneamente, três coisas: alguma coisa (ideacional) dita a alguém (interpessoal) de algum modo (textual). Por exemplo, vejamos a frase abaixo, retirada de Berber Sardinha:

Ele jogou ping-pong ontem.

Em relação à metafunção ideacional, o verbo 'jogar' expressa um processo material, 'ele' um participante 'ator', 'ping-pong' um participante 'meta' e 'ontem' uma circunstância de tempo. Esses elementos representam a transitividade da oração. Em relação à metafunção interpessoal, essa frase é declarativa, na qual 'ele' realiza o sujeito, a terminação '-ou' (da forma verbal 'jogou') o finito, e 'jog-' (da forma verbal 'jogou') o predicador. 'Ele' ainda realiza o MODO e o restante da frase forma o Resíduo. Em relação à metafunção textual, 'ele' realiza o Tema da frase e o restante, o Rema. O Tema é o ponto de partida da mensagem e indica uma posição importante na frase, ajudando a estruturar o discurso e a dar proeminência aos elementos que o compõem. Não vamos nos alongar na explicação desses conceitos, para o que remetemos o leitor à leitura de Halliday (1994).

Essa fusão dos três significados é possível, diz Halliday (1994), porque a língua possui um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática. É este nível

que possibilita a língua construir três significados concomitantes, e eles entram no texto através das orações. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise textual.

A partir de cada metafunção, são realizadas muitas outras funções, cada uma em um sistema diferente. Cada realização, por sua vez, é uma escolha. A escolha é entendida aqui como um ato normalmente inconsciente, guiado, como dissemos, por motivos individuais, segundo nossas intenções, vontades, afetividade, subjetividade, mas também por razões sociais, históricas e culturais, ditadas pelo contexto. Sendo assim, a LSF é uma teoria que tenta explicar o funcionamento da linguagem por meio da descrição de como as pessoas falam e escrevem e quais escolhas fazem nesse processo.

A seguir, vamos nos deter na metafunção interpessoal e as contribuições que ela tem recebido a fim de explicitar os procedimentos que adotaremos na análise do artigo de opinião.

2.1.1 A Metafunção Interpessoal

Quando nos comunicamos, diz Halliday (1994), a estrutura significativa da oração está organizada como mensagem e evento interativo. Sendo assim, usamos a língua para construir significados interpessoais: significados sobre nossas relações com outras pessoas e atitudes em relação a elas. Mesmo a ausência de um interlocutor específico afeta as escolhas léxico-gramaticais realizadas pelo falante/escritor, pois, no momento da fala ou da escrita, ele assume um posicionamento em relação a ele mesmo e em relação a um interlocutor virtual.

Thompson e Thetela (1995), porém, julgam necessária uma distinção no interior da metafunção interpessoal, já que, Halliday postula a *modalidade* como sendo envolvida pelo *Modo* (mood), quando esses elementos têm, segundo os autores, funções distintas no enunciado: (i) *pessoal*, ou o posicionamento pessoal do escritor (modalidade) e (ii) *interacional*, a interação entre escritor e leitor (modo), respectivamente. Além disso, eles acrescentam uma terceira função, a função *interativa*, com instrumentos que guiam o leitor através do texto, e que por esse

motivo poderia ser considerada, também, um elemento interpessoal, ao contrário de Halliday que a consideraria parte da metafunção textual.

2.2 MDs: Coesão e Interação

Risso (1996) diz que a natureza da atuação discursiva dos assim chamados MDs conversacionais permite distribuí-los, entre dois planos (RISSO; URBANO, 1992), quase sempre inter-relacionados, conforme seu envolvimento:

- (a) com a organização da informação na estrutura ideacional do discurso (Primeiro Plano), ou
- (b) com a organização das relações entre os interlocutores na estrutura interpessoal (Segundo Plano).

Primeiro plano: Situam-se aqui as unidades sequenciadoras mais diretamente comprometidas com o estabelecimento das *relações coesivas entre as partes do texto*, mediante: (i) processamento de aberturas, (ii) encaminhamentos, (iii) retomadas e (iv) fechados de tópicos. Desponta nesse quadro um número significativo de marcadores, vigentes ora na língua escrita, ora na língua falada, ora em ambas indistintamente, entre os quais constam exemplares como *primeiramente, por falar nisso, com efeito, voltando ao assunto, como eu ia dizendo, por outro lado, além do mais, em outros termos, quer dizer, por último, em suma, finalmente, conseqüentemente*. Incluem-se, também nessa série, certos empregos tipicamente textuais, que costumam escapar às nossas gramáticas, de alguns vocábulos normalmente nelas inventariados entre as conjunções, advérbios, ou mesmo entre o anônimo grupo de “palavras de classificação à parte”: *e, mas, aí, depois, agora*, entre outros.

Com referência à abertura de unidades textuais, Risso (1999) atesta a presença de procedimentos diversificados de dimensão e de natureza. Trata-se de procedimentos em geral polivalentes que, embora comumente associados à função de abertura, nem sempre a exercem em caráter permanente e exclusivo. Entre eles, constam, por exemplo:

- (i) **Tematização:** aplicada à apresentação de um quadro de referências para o que vai ser dito a seguir
(“...depois o café :: em casa o café é muito demorado... muito complicado (...)” – SP-360, I. 311-312).
- (ii) **Avaliação:** advérbios modalizadores, com forte propensão, para aparecerem à margem esquerda dos enunciados, traduzindo a avaliação do locutor sobre o fato asseverado
(*realmente - certamente - naturalmente - logicamente...*).
- (iii) **Ponto-de-vista:** enunciados oracionais mais ou menos formulaicos, configuradores do ponto de vista dentro do qual um conteúdo subsequente é abordado
(*eu tenho a impressão de que - eu penso que - eu acho que...*).
- (iv) **Desenvolvimento do tópico:** formulações metadiscursivas, referidas à atividade verbal que fundamenta o desenvolvimento do tópico ou segmento de tópico dado a seguir
(*pergunto a você o seguinte - uma última coisa que eu gostaria de dizer é... - vamos agora entrar com a parte bem prática*).
- (v) **Preparação de declaração:** marcadores discursivos que encerram em si uma espécie de ato preparatório de uma declaração sequente
(*bom - bem - olha - ah - agora - é o seguinte - quanto a - para começar, primeira coisa, primeiro ponto - e tem mais...*).

Segundo plano: enquadram-se aqui os *signalizadores diretos de interação*, atestados por marcadores ora interrogativos, ora asseverativos, como: *certo, sabe, entendeu, claro, né, hum-hum, tá, sei*, basicamente responsáveis pela expressão das relações entre os interlocutores, pela checagem ou confirmação do funcionamento do canal comunicativo e pela sinalização de seus papéis de locutor/alocutário, no desenvolver do evento discursivo.

Em resumo, podemos ver, então, que a autora distingue a função informacional (Primeiro plano) da função interpessoal (Segundo Plano), embora, se considerado do ponto de vista mais recente, ambas tenham função na interação

entre falante/escritor e ouvinte/leitor. Assim, os exemplos do Primeiro Plano (*bom - bem - olha - ah - agora - é o seguinte*) em nada diferem dos do Segundo Plano (*certo, sabe, entendeu, claro, né*).

2.3 MDs: A coerência discursiva

Taboada (2006), tratando das relações retóricas que são conseguidas através do que ela chama de MDs, afirma, citando Schiffrin (1987, p.49), que a análise dos MDs é parte da análise mais geral da coerência discursiva – o modo como falantes e ouvintes, em conjunto, integram as formas, significados e ações para fazer sentido a partir do que é dito.

A coerência discursiva pode ser conseguida por meios diferentes, e um deles é via relações que juntam diferentes partes do discurso. Os MDs guiam o receptor do texto no reconhecimento dessas relações, fato que lhes possibilita a atribuição de coerência ao texto. Em outras palavras, as relações retóricas foram propostas como uma explicação da construção da coerência no discurso e, segundo Taboada, os marcadores de sinalização de relações de coerência mais estudados são os MDs.

Um dos itens do estudo das relações retóricas diz respeito ao modo como as reconhecemos. Há muitos mecanismos diferentes em jogo: morfológico, sintático, semântico e pragmático. Morfologicamente, o *tempo verbal*, por exemplo, ajuda a marcar relações de tempo, guiando o leitor na interpretação das progressões ou *flashbacks* no tempo. Um mecanismo sintático é o Modo (*mood*) da sentença (indicativo, imperativo, interrogativo). Semanticamente, o significado pode apontar certas relações: *causar, desencadear, provocar* ou *fazer efeito* podem todos indicar relação causal. Pragmaticamente, fenômenos como as *implicaturas* estabelecem relações entre proposições que não estão explicitamente presentes no texto, mas são construídas nas mentes dos falantes. Fraser (1990, p.386) refere-se ao *modo verbal* como um marcador estrutural de significado pragmático.

Portanto, os MDs respondem pela coerência discursiva, indicando ao leitor (função interpessoal) as relações entre partes do discurso (função textual), o que é feito com o apoio de mecanismos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, segundo Taboada.

2.4 Marcadores Pragmáticos

Fraser (1996 apud FRASER, 2009) chama os MDs de Marcadores Pragmáticos (MPs), dispositivos sintáticos, lexicais e fonológicos determinantes do significado semântico do conteúdo proposicional básico, no segmento de discurso de que eles são parte. O autor afirma que eles têm também um papel crítico na interpretação do trecho. Fraser (2009) identificou três tipos distintos de MPs.

(a) O primeiro são Marcadores Básicos, por meio dos quais o falante pode sinalizar informação no uso intencional (força ilocucionária) do trecho, como ilustrado em (3).

- (3)
- (a) **Eu admito** que me sinto um pouco mal.
 - (b) **Por favor**, dê-me uma resposta.
 - (c) **Minha promessa** é que nunca mais farei aquilo novamente.

(b) O segundo tipo são Marcadores de Comentário, por meio dos quais o falante pode expressar uma atitude em direção tanto à ação ou estado representado no segmento como ao individual, como ilustrado em (4).

- (4)
- (a) **Francamente**, você deveria ver um médico.
 - (b) **Espantosamente**, John fez a casa antes de anoitecer.
 - (c) **Aparentemente**, ele não irá.

(c) No terceiro tipo estão os MDs, por meio dos quais o falante pode sinalizar o tipo de relação desejado entre dois segmentos de discurso adjacentes. Isto é mostrado em (5).

- (5)
- (a) Eu concordo, **mas** não posso fazer hoje.
 - (b) A água não vai ferver, **então** não podemos fazer chá.
 - (c) O piquenique foi um desastre. Choveu. **Além disso**, a cerveja estava quente.

Fraser (2009) propõe aqui um quarto tipo de Marcador Pragmático.

(d) *Marcadores de Administração do Discurso*, que sinalizam um metacomentário na estrutura do discurso. Há pelo menos três subtipos.

- O primeiro são Marcadores de Estrutura do Discurso, como em (6).

- (6)
- (a) Temos três tópicos hoje. **Primeiro**, discutiremos a moral do fraudulento. **Depois...**
 - (b) **Em resumo**, a economia não prosperou sob a administração Bush.
 - (c) **Eu acrescento** que ele não ajudou você até o último minuto.

O conjunto deles expressa a contribuição do segmento de discurso seguinte dentro da estrutura geral do discurso.

- O segundo tipo, foco principal do artigo, são *Marcadores de Orientação de Tópico*, por meio dos quais as intenções do falante a respeito do tópico futuro imediato do discurso podem ser expressas. Membros deste grupo incluem: *de qualquer maneira, voltando ao ponto principal, antes que eu me esqueça, mas, por outro lado, incidentalmente, apenas para lembrá-lo, parenteticamente, falando de X, que me lembre.*

Eles são ilustrados nos seguintes exemplos.

- (7)
- (a) Archimedes preocupado com este problema e um dia em seu banho encontrou a resposta. **Incidentalmente**, o cálculo da descoberta estava errado.
 - (b) Este é um dia típico em New England. Oh, **antes que eu me esqueça**, estou saindo de férias amanhã.
 - (c) A: Eu acho o azul melhor.
B: **Mudando de assunto**, quando vamos jantar.

- O terceiro tipo, *Marcadores de Atenção*, inclui: *ah, certo, de qualquer maneira, eh, em qualquer caso, agora, então, oh, ok, assim, muito bom, bem,...* Indicam que uma mudança de tópico está sendo feita. Frequentemente eles podem ocorrer antes dos *Marcadores de Orientação de Tópico*, mas geralmente não especificam qual tipo de mudança está ocorrendo. O exemplo (7b), com *oh, antes que eu me esqueça* é um exemplo disso.

Em resumo, também Fraser considera os MDs interpessoais (casos 'a' e 'b') e os MDs textuais (casos 'c' e 'd').

2.5 O Metadiscurso

O conceito de **metadiscurso** deriva do postulado de que as pessoas usam a língua não somente para expressar significado ideacional, i.e., significado baseado na informação sobre o mundo, mas que esse significado referencial é complementado com outras dimensões do significado linguístico (SCHIFFRIN, 1980; MAURANEN, 1993a, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.678). Já em 1987, Coates (1987) critica o fato de os estudos sobre significados linguísticos não-referenciais serem escassos ou não receberem a devida atenção:

Há uma tendência arriscada entre muitos linguistas, filósofos e semanticistas em concentrarem-se na função referencial da linguagem à custa de todas as outras. . . (COATES, 1987, p.113).

2.5.1 O metadiscurso textual

Hempel e Degand (2008) têm como objetivo apresentar os resultados de uma análise descritiva, referente ao uso concreto de instrumentos específicos de estruturação discursiva em textos escritos, enfocando os itens metadiscursivos utilizados pelo autor do texto para uma estruturação mais clara do conteúdo proposicional de sua mensagem. Elas discutem o metadiscurso em geral e as tipologias de metadiscurso textual em particular, e definem uma classe específica de metadiscurso textual - os Marcadores de *Frame* - propondo uma subclassificação dessa classe.

As autoras esperam conseguir uma compreensão melhor do funcionamento de uma categoria de instrumentos estruturadores de discurso para ter um conhecimento preciso de itens de metadiscurso textual. Além disso, esses resultados podem mostrar como o usuário da língua comunica estruturação mental do conteúdo proposicional, no nível do vocabulário, da sintaxe e da gramática. Mais ainda, segundo as autoras, o estudo abre possibilidade para pesquisas futuras tais como no domínio da aprendizagem de línguas estrangeiras, e da compreensão do processo da escrita em L2, e o conhecimento metalinguístico e cognitivo que o

escritor L2 deve ter para produzir textos coesivos e, assim, manter uma boa organização textual no nível do metadiscurso.

O autor de um texto, dizem elas, precisa ter em mente os objetivos que quer realizar, e que podem ser de diferentes naturezas e de variável grau de relevância, de acordo com diferentes situações de comunicação oral ou escrita: o foco pode estar na mensagem, na forma, na função, na intenção do autor, etc.

Um desses fatores é a presença de interlocutores, continuam Hempel e Degand. O conceito de audiência é bastante controvertido. O conceito clássico de audiência como sendo constituído por um grupo homogêneo de pessoas foi debatido e contestado por muitos teóricos (BRITTEN *et al.*, 1978; KIRSCH; ROEN, 1990; PERELMAN, 1982; PORTER, 1992, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p. 677). Hoje a audiência é tratada como um conceito abstrato, que existe no escritor considerado como um membro de certa comunidade discursiva. Porter (1992) propõe dois pontos de vista referentes à noção de audiência: o *gerencial*, que sugere ser a audiência uma entidade passiva sobre a qual o autor atua, e a perspectiva *sócio-epistêmica*, que sugere ser a audiência um participante ativo no processo da descoberta do significado (PORTER, 1992, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p. 677). De acordo com Porter, esse afastamento de uma perspectiva unidimensional, limitadora, foi vital para a compreensão do processo da escrita, e vale para eventos comunicativos tanto orais quanto escritos. As autoras referem-se à escrita.

A consciência da existência da audiência por parte do escritor é importante para a concepção do discurso: escritores que têm um alto grau de consciência dos participantes no evento comunicativo são capazes de estabelecer uma relação mais direta com sua audiência. Essa consciência atua na forma de restrições sobre certas decisões por parte do autor no processo da produção de textos (KIRSCH; ROEN, 1990, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.678). Em textos escritos, esse processo é mais difícil já que a interação escrita representa um modo específico na negociação da transferência de informação: ela é fechada e não-recíproca, enquanto que no evento comunicativo ela é aberta e recíproca, pois o ouvinte pode reagir diretamente e responder ao que foi dito (WIDDOWSON, 1983, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.678). As qualidades de um 'bom' escritor são, portanto, um equilíbrio entre aquilo que deseja tornar explícito e o que deseja deixar subentendido no texto, para evitar incompreensão ou interpretação errada do que pretende expressar. Subsequentemente, surge a questão de como a interação entre escritor e leitor, ou

esse "compromisso social" (HYLAND; TSE, 2004, p.156), pode ser linguisticamente marcado no texto. O metadiscorso representa uma possibilidade efetiva para expressar essa interação.

Já nos referimos a Halliday (1973), que tentou capturar essas dimensões com seu conceito de metafunções do uso da língua, que expressa "três conjuntos distintos e independentes de opções subjacentes", ele os chama de macro-funções (HALLIDAY, 1973, p.66) e de metafunções, mais tarde (1994). Aqui, repetimos alguns dos conceitos hallidayanos, para fazer a ligação entre eles e o conceito de metadiscorso. O autor argumenta que pessoas adultas tentam combinar essas metafunções em diferentes níveis linguísticos para expressar sua experiência vivida, sua relação com os interlocutores, e a organização do seu discurso em trechos coerentes. A primeira função, a função ideacional, refere-se "ao conteúdo da linguagem, sua função como meio de expressão da experiência, tanto do mundo exterior quanto do mundo interior da consciência" (HALLIDAY, 1973, p.66).

Conforme já nos referimos acima, o significado ideacional no sentido hallidayano corresponde ao que é geralmente denominado referencial ou proposicional. A segunda função, a função interpessoal, contém elementos que representam a personalidade e os sentimentos pessoais do falante/escritor, e sua interação com outros participantes no evento comunicativo (HALLIDAY, 1973, p.66). A função textual é o "componente que possibilita ao falante organizar o que ele está dizendo de tal modo a fazer sentido no contexto e a preencher sua função como mensagem" (HALLIDAY, 1973, p.66). Os elementos do conjunto textual formam textos e são, por exemplo, os instrumentos coesivos. O conceito de metadiscorso aqui está fortemente influenciado pela distinção de Halliday das três funções do uso da linguagem.

Há dois significados amplos ligados ao termo 'metadiscorso', segundo Hempel e Degand:

- (a) ele "pode referir-se ao discurso sobre o discurso, a qualquer tipo de interpretação crítica ou de exposição teórica de um dado discurso ou teoria" (MAO, 1993, p.265). Neste caso, o termo 'discurso' é usado na perspectiva do conceito de 'discurso', de Foucault, i.e., como um sistema de representações, dos modos institucionalizados de pensar (FOUCAULT, 1978, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.679); e

(b) neste caso, a acepção do termo metadiscurso é mais concreta:

refere-se aos vários tipos de *tokens* linguísticos que um autor emprega no seu texto para guiar ou direcionar o leitor para o modo como deve entendê-lo, e o seu posicionamento em relação a ele (MAO, 1993, p.265).

Este último conceito será utilizado pelas autoras.

Os itens metadiscursivos distinguem-se do conteúdo proposicional com o qual ocorrem, mas não alteram o significado proposicional (VANDE KOPPLE, 1985; WILLIAMS, 1981; CRISMORE *et al.*, 1993, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.679). Embora visível na superfície da sentença, não são instrumentos estilísticos independentes, nem variável empregado ao bel prazer do autor. O metadiscurso está intimamente ligado ao contexto em que aparece, bem como às "normas e expectativas de determinada comunidade cultural e disciplinar" (HYLAND, 1998, p.438), dependendo, portanto, do contexto que o determina e lhe dá significado.

Segundo Hempel e Degand, com referência às metafunções, pode-se traçar uma linha entre a função ideacional de um lado e as funções interpessoal e textual de outro. O metadiscurso preenche as duas últimas funções:

- (i) O metadiscurso textual enfoca a compreensão do significado ideacional e serve para organizar o discurso estruturando seu conteúdo proposicional, introduzindo sequências ou referindo-se à fonte do material proposicional.
- (ii) O metadiscurso interpessoal mostra o envolvimento do autor no texto, i.e., sua atitude em relação tanto ao conteúdo proposicional quanto à audiência, sua avaliação e sua tentativa para convencer ou capturar a audiência.

Os exemplos (8) e (9) mostram essas duas diferentes funções: (8) é exemplo do metadiscurso textual e (9) do metadiscurso interpessoal (exemplos apresentados por Hempel e Degand) (o metadiscurso textual em negrito, o metadiscurso interpessoal sublinhado):

(8) **A ideia principal é que** os fenômenos sociais são vistos como existentes em relação uns aos outros, e continuamente em desenvolvimento e por meio de relações, de modo a formar em várias fases forças contraditórias que geram qualitativamente novas formações. (Tradução nossa)

[... **the main idea is that** social phenomena are seen as existing in relation to each other, and continually developing in and through such relations so as to form at various phases contradictory forces that generate qualitatively new formations. APN.txt – 395]

(9) É lamentável que a guerra árabe-Israelita tenha estourado ao mesmo tempo e levou ao exterior alguns comentadores a presença de Canberras neste aspecto, como prova da participação britânica na guerra. (Tradução nossa)

[It was unfortunate that the Arab-Israeli war broke out at the same time and some overseas commentators took the presence of Canberras in this guise as proof of British participation in the war. (BNC CGJ.txt – 768)]

O exemplo (10) mostra que os itens do metadiscurso das duas categorias podem ser complementadas quase à vontade na mesma sentença.

(10) **Na primeira parte** faço uma revisão para você sobre o início da Idade Média. A forma de como eu fazer isso é descrever como a vida era durante esse tempo. **A idéia principal que eu estou tentando passar para você aqui** é que o início da Idade Média foi um tempo sem erudição e liberdade para a maioria das pessoas. (Tradução nossa)

[**In Part One** I review for you the early Middle Ages. The way I do this is by describing what life was like during that time. **The main idea I am trying to get across to you here** is that the early Middle Ages was a time without learning and freedom for most people. (CRISMORE,1990:196)]

A distinção entre os metadiscursos textual e interpersonal foi estabelecida como sendo uma dualidade bastante rígida por vários linguistas (CRISMORE; FARNSWORTH, 1990; CRISMORE *et al.*, 1993; HYLAND, 1998, 2000; VANDE KOPPLE, 1985, 2002, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.680). Contudo essa distinção não deve ser rigorosa a não ser que o texto sinalize explicitamente que o autor quer conscientemente facilitar a compreensão do leitor. O metadiscurso textual, continuam as autoras, é assim claramente motivado também por aspectos interpessoais, e pode ser considerado como sendo o resultado de decisões feitas pelo escritor para tornar mais claras as conexões e ajudar o leitor a navegar através do texto. Hyland e Tse afirmam que "todo metadiscurso é interpessoal no sentido de que considera o conhecimento do leitor, experiência textual e necessidades de processamento e que ele fornece aos escritores uma série de meios retóricos para tanto" (HYLAND; TSE, 2004, p.161).

2.5.2 Os Marcadores Metadiscursivos de Organização - Os Sequenciadores

Hempel e Degand referem-se à estruturação e à organização feitas pelo autor do texto, enfocando exclusivamente o metadiscorso textual. Embora todo metadiscorso seja motivado por aspectos pessoais, elas julgam que a distinção é ainda necessária para a categorização de itens metadiscursivos. Isso porque a própria categorização feita pelas autoras baseia-se em aspectos funcionais, considerando, assim, a diferença dos instrumentos puramente organizacionais daqueles itens que servem para persuadir a audiência. Para classificar os itens metadiscursivos, decidiram-se a considerar as suas funções principais com base em: se o item é usado para estruturar a informação ideacional ou se ele se dirige explicitamente ao leitor. Muitas tipologias de metadiscorso textual têm sido propostas (WILLIAMS, 1981; VANDE KOPPLE, 1985; CRISMORE *et al.*, 1993; BUNTON, 1999; HYLAND, 1998; HYLAND; TSE, 2004, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.680). As autoras baseiam-se na tipologia de Hyland (HYLAND, 1998), que apresentamos no Quadro 1.

Categoria	Função	Exemplos
Transição	Rel.semânt.entre orações principais	<i>Além disso, mas, e, assim</i>
Marcador de frame	Sinaliza estrutura do texto	<i>Finalmente, Para concluir, Minha meta</i>
Marcador endofórico	Ref. a info, em outras partes texto	<i>Dita acima, veja seção 2</i>
Evidenciais	Ref. fonte de info. de outros textos	<i>De acordo com...</i>
Code glosses	Re-estab. info. ideacional	<i>Por exemplo, tal como, em outras palavras</i>

Quadro 1 - Sistema de classificação de Hyland: metadiscorso textual (HYLAND; TSE, 2004: 169)

Elas se concentram na categoria de marcadores de *frame*, de Hyland, que as autoras chamam de *Marcadores Metadiscursivos de Organização* (MMOs), baseados em diversas classificações como as propostas por alguns estudiosos (WILLIAMS, 1981; VANDE KOPPLE, 1985, 2002; CRISMORE *et al.*, 1993; BUNTON, 1999, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.680).

A tipologia dos MMOs, sendo elementos que sinalizam claramente a organização textual, contém uma subdivisão em quatro categorias, incluindo:

- (i) *sequenciadores* (elementos que introduzem uma nova sequência no texto);
- (ii) *topicalizadores* (elementos que introduzem um novo assunto);

- (iii) *ilocucionários* (elementos que indicam atos ilocucionários que o autor realiza);
- (iv) *revisores/previsores* (elementos antecipando ou repetindo um estágio no texto).

Essa nova categorização não está livre de entrecruzamentos entre diferentes categorias, e nem sempre se podem evitar casos problemáticos. Marcadores metadiscursivos de todas as categorias são multifuncionais e a análise deve considerar a função primária do marcador focado num determinado contexto (CRISMORE *et al.*, 1993, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.681).

As autoras enfocam os *sequenciadores*. Elas basearam a caracterização dos sequenciadores no enquadre teórico do discurso e cognição, de Charolles (1997, p.25) e no contexto metodológico dos *marqueurs d'intégration linéaire (MIL)* (TURCO; COLTIER, 1988; JACKIEWICZ, 2002; JACKIEWICZ; MINEL, 2003, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.681). De acordo com Charolles, os elementos discursivos de organização introduzem os assim chamados *frames* discursivos, que – de acordo com os 'espaços mentais' de Fauconnier (1994 apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.681) – podem ser definidos como segmentos textuais que contêm uma ou mais proposições que compartilham o mesmo critério de interpretação (CHAROLLES, 1997, p.25). Os critérios que governam essas construções mentais podem ser espaciais, temporais, temáticos, orientados-para-meta etc. Os *frames* discursivos contribuem para fragmentar a informação em rubricas homogêneas e ajudam a criar a coesão textual (JACKIEWICZ; MINEI, 2003, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.681). Os sequenciadores correspondem àqueles itens linguísticos que introduzem novas seqüências no texto. Assim, eles podem ser subdivididos em:

- *sequenciadores espaciais*, que cobrem elementos linguísticos relativos ao espaço;
- *sequenciadores temporais*, que introduzem seqüência temporal; e
- *sequenciadores numéricos*, que são relativos à enumeração. Veja quadro 2.

Marcadores Metadiscursivos de Organização (MMOs) - Marcadores de <i>frame</i> (de Hyland)		
(i) Sequenciadores	Introduz uma nova seqüência	
● <i>Espacial</i>	Relativo a espaço	<i>Por outro lado, De um lado... de outro lado ...</i>
● <i>Temporal</i>	Relativo a tempo	<i>Primeiro ... então ... finalmente</i>
● <i>Numérico</i>	Relativo a enumeração	<i>Primeiro segundo ...</i>
(ii) Topicalizadores	Introduz novo assunto	<i>Com referência a...</i>

(iii) Ilocucionais	Indica ato ilocucional do autor	<i>Antes disso, VamosAgora eu vou..</i>
(iv) Revisão/previsão	Antecipa ou repete estágio do texto	<i>Na seção 3 .. Neste capítulo ...</i>

Quadro 2 - Proposta de categorização de marcadores de frame

Os segmentos textuais, ou séries, divididos pelos sequenciadores seguem determinados parâmetros estruturais. As autoras definem um exemplo prototípico de uma sequência, com base na análise de alguns exemplos dessas estruturas e no estudo de diferentes modelos teóricos, em especial o de Jackiewicz e Minel (2003, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.681). Esses parâmetros estruturais servem ao mesmo tempo como hipóteses para o uso concreto de sequenciadores para a análise descritiva dos autores.

(11) Ele dá **três razões principais** para as suas dúvidas: Em primeiro lugar, ele não poderia conciliar a sua própria experiência com as descrições de conversão de dados em livros sobre o assunto, como o Arrependimento de William Perkins. Em segundo lugar, ele ficou perturbado com o fato de que as verdades espirituais não mexeram com suas emoções ou sua imaginação como Perkins. Em terceiro lugar, ele estava preocupado com a possibilidade de que sua fé era apenas uma compreensão intelectual combinada com um temor de Deus, e que ele não estava realmente se regenerando. (Tradução nossa)

[He gives **three main reasons** for his doubts: *Firstly*, he could not reconcile his own experience with the descriptions of conversion given in books on the subject, such as *Repentance by William Perkins*. *Secondly*, he was disturbed by the fact that spiritual truths didn't stir his emotions or grip his imagination as Perkins. *Thirdly*, he was concerned about the possibility that his faith was merely an intellectual understanding coupled with a fear of God, and that he was not truly regenerate. (NC - ALK.txt – 101)]

- Uma sequência prototípica é introduzida por uma frase introdutória, estabelecendo claramente a idéia principal com a ajuda de um quantificador e de um classificador. O quantificador pode ser especificado (ex. 11: *três*) ou não (ex. *muitas razões*). A frase introdutória pode ser uma frase separada antes do frame organizacional (ex. 11), pode ser uma proposição no núcleo da frase que contém o sequenciador, ou pode estar situada depois de séries diferentes que constroem a sequência.
- Cada série constitui um frame organizacional (ex. 11) e cada *frame* deve ser aberto explicitamente por um sequenciador (ex. 11: *Primeiramente, ele pode reconciliar sua própria experiência*), ou implicitamente por qualquer outro item linguístico que sinaliza o início da série.

- Os sequenciadores são organizados da seguinte forma: o primeiro sequenciador é o 'indicador' (ex. 11: *primeiramente*), seguido pelo 'intermediário' (ex. 11: *em segundo lugar*) e o sequenciador de 'fechamento' (ex. 11: *em terceiro lugar*).
- Uma sequência deve, de preferência, ser homogênea; não será homogêneo se contiver constituintes que pertençam a séries diferentes (ex. *Em primeiro lugar, o limiar de registro do IVA deve ser aumentada. . . Em seguida, a capacidade de recuperar o IVA é prorrogada*), se a sequência for incompleta ou não fechada explicitamente, ou se a sequência apresenta uma certa variabilidade referente ao classificador (ex. *Três razões para isso: em primeiro lugar, um bom livro vende bem. O segundo ponto diz respeito. . .*).
- O âmbito de sequenciadores individuais pode ser de nível intra-sentencial (ex. *entrar na primeira da França e, em seguida, através da América*), ou no nível sentencial (ex. 11).
- Uma sequência pode ser encaixada na sequência principal, caso em que se aplicam os mesmos parâmetros estruturais.
- Com relação à disposição de uma sequência, são possíveis muitos casos: ou a sequência é totalmente integrada ao texto, ou ele constitui um parágrafo inteiro, ou cada sequenciador abre um novo parágrafo. Marcação redundante também é possível (ex. novo parágrafo por sequência e nova marcação).

O exemplo 11 mostra uma estrutura típica de uma sequência, o quantificador e o classificador em negrito na frase introdutória, e os três sequenciadores (indicador, intermediário e de fechamento) sublinhados.

2.5.3 Gênero

Para Hempel e Degand, o uso de três tipos de sequenciadores é determinado pelo gênero textual. Considerando que o metadiscurso facilita a relação entre

escritor e leitor, e representa um modo para o autor estruturar o texto de acordo com as suas convicções e a interpretação da mensagem ideacional, deve ser mais (ou menos) importante considerar os tipos de processo interacional de diferentes naturezas, ou seja, os gêneros.

Elas acatam a definição de Bhatia (1993, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.683), para quem gênero é:

um evento comunicativo reconhecível caracterizado por um conjunto de propósitos comunicativos pelos membros de uma comunidade profissional ou acadêmica em que ocorre regularmente. Em geral, ele é altamente estruturado e convencionalizado através de restrições baseadas em valores de intenção, posicionamento e função. (BHATIA, 1993, apud HEMPEL e DEGAND, 2007, p.683).

De acordo com Hyland, o metadiscorso está ligado a normas e expectativas de uma determinada comunidade cultural e profissional (HYLAND; TSE, 2004, p.175). Assim, as autoras estabelecem as seguintes hipóteses em relação à distribuição de sequenciadores através dos três gêneros: é possível que na escrita acadêmica, os sequenciadores sejam muito usados, já que a meta de uma comunidade de cientistas consiste em produzir e compartilhar conhecimento, convencer a audiência e atingir a aceitação de suas afirmações. Os sequenciadores usados nos textos acadêmicos serão homogêneos e em geral correspondem à estrutura de referência. Enquanto que a escrita acadêmica deve, assim, ser muito estruturada e concisa, pode-se supor que a prosa narrativa seja menos exigente em relação a sequenciadores. O escritor nem sempre cria uma relação entre ele e seus leitores (exceto em autobiografias), pois ela não é idêntica à do narrador. Contudo, as autoras acreditam que se encontramos sequenciadores na ficção, eles devem provavelmente pertencer a categorias temporais, levando em conta a forma cronológica da narrativa. No jornal, devemos esperar maior ocorrência de metadiscorso organizacional, especialmente assim se o artigo estiver política ou ideologicamente conduzido, pois o autor desejará convencer seus leitores da relevância de seu ponto de vista.

2.6 MDs: A validade de seu estudo

Para Bordería (2008), uma abordagem mais apropriada do estudo dos MDs exigiria o deslocamento da ênfase dos MDs em si, para as suas propriedades subjacentes. O autor usa exemplos de conversas reais para checar a validade das ideias em discussão, pois exemplos desse tipo são mais complexos que exemplos inventados, e como resultado, o que pode parecer uma hipótese clara sobre o comportamento de um MD pode ser desconfirmado quando confrontado com um contexto mais complexo. Além disso, diz ele, dada a multifuncionalidade de MDs, parece razoável testar o contexto mais complexo possível.

O termo *marcadores discursivos* causa interpretações errôneas, continua Bordería. Para evitá-las, é conveniente lembrar que, nos anos de 1980, pesquisadores europeus usaram o termo *conectivo* (Fr. *connecteur*, It. *connettivo*, Sp. *conector*) para referir-se a elementos cuja função principal era ligar declarações. Bordería cita Schiffrin (1987), que popularizou o termo *marcador discursivo*, especialmente nos EUA. Os MDs de Schiffrin exercem diferentes funções, incluindo união. Quando as duas tradições se encontraram, 'conectivo' e 'marcador discursivo' foram considerados sinônimos em muitos casos, e a confusão surgiu. Para Bordería, o termo *marcador discursivo* será usado como um hiperônimo da classe; *conectivo* será um de seus hipônimos, como *partícula modal* ou *marcador interativo*. Entretanto, para lidar com o problema terminológico, é necessário considerar que:

- (a) Os MDs têm sido considerados sob diferentes perspectivas teóricas (Teoria da Argumentação, Linguística do Texto, Teoria da Relevância e gramáticas descritivas, entre outras), que não garantem conformidade teórica. Portanto, mesmo se dois autores usarem o mesmo termo, e. g. *conectivo* (BLAKEMORE, 1987; VAN DIJK, 1977, apud BORDERÍA, 2008, p. 1412), as suas afirmações básicas não necessariamente coincidem.
- (b) Mesmo se não formarem uma classe aberta, MDs não são um conjunto fechado de elementos; ao contrário, seus limites são abertos e sujeitos a debate. O conjunto de MDs definidos dependerá, em algum caso, do ponto de vista da teoria adotada: uma Análise da Conversação com enfoque nos MDs

focalizará marcadores interativos, ao passo que uma aproximação baseada em Linguística do Texto dará prioridade a propriedades lógicas.

- (c) Não estão claras as funções dos MDs. Uma afirmação básica é de que os MDs incluem união, embora outras funções pragmáticas tenham sido apontadas, incluindo inferências implícitas, que envolvem instruções argumentativas (Teoria da Argumentação); que marcam relações sociais; ou relações modais com referência ao falante e à mensagem (GÜLLICH, 1970; WEYDT, 1969, 1989, apud BORDERÍA, 2008, p. 1413).
- (d) Finalmente, as palavras que podem ser usadas como MDs derivam, em muitos casos, de classes de palavras gramaticais díspares: advérbios, conjunções e frases preposicionais estão entre as mais frequentes (FRASER, 1999). Não é raro para a descrição de 'o uso de MD para X' tornar-se algo como 'os usos do MD X'. Quando isso acontece, a descrição mistura o uso de MD e não-MD.

Em resumo, a validade do estudo dos MDs é questionada por Bordería, já que esses elementos derivam de classes de palavras díspares e sua classificação fica na dependência da abordagem teórica sob cuja ótica é considerada.

A seguir, apresentamos um resumo das categorias dos autores até aqui resenhados, em ordem cronológica.

<p>RISSO (1996)</p>	<p>COESÃO E INTERAÇÃO Primeiro Plano: <u>relações coesivas entre as partes do texto</u> [aberturas*, encaminhamentos, retomadas e fechos de tópicos] <i>primeiramente, por falar nisso, com efeito, voltando ao assunto, como eu ia dizendo, por outro lado, além do mais, em outros termos, quer dizer, por último, em suma, finalmente, conseqüentemente (e, mas, aí, depois, agora)</i></p> <p>*<u>Aberturas</u> (a) Tematização (“...<u>depois o café</u> :: em casa o café é muito demorado... muito complicado ...) (b) Avaliação (<i>realmente, certamente, naturalmente, logicamente...</i>) (c) Ponto de vista (<i>eu tenho a impressão de que, eu penso que, eu acho que...</i>) (d) Desenvolvimento do tópico (<i>pergunto a você o seguinte, uma última coisa que eu gostaria de dizer é...</i>) (e) Preparação de declaração (<i>bom, bem, olha, ah, agora, é o seguinte, quanto a, para começar, primeira coisa...</i>)</p> <p>Segundo Plano: <u>signalizadores diretos de interação</u> <i>certo, sabe, entendeu, claro, né, hum-hum, tá, sei,</i></p>
<p>HYLAND e TSE (2004)</p>	<p>MARCADORES TEXTUAIS (a) Transição: Rel.semânt.entre orações principais (<i>Além disso, mas, e, assim</i>) (b) Marcador de frame: Sinaliza estrutura do texto (<i>Finalmente, Para concluir, Minha meta</i>) (c) Marcador endofórico: Ref. a informação em outras partes texto (<i>Dito acima, veja seção 2</i>) (d) Evidenciais: Ref. fonte de informação de outros textos (<i>De acordo com...</i>) (e) Code glosses: Re-estab. informação ideacional (<i>Por exemplo, tal como, em outras palavras</i>)</p>

TABOADA (2006)	Os marcadores de sinalização de relações de coerência mais estudados são os MDs. Há muitos mecanismos diferentes em jogo. Morfológicos: o <i>tempo verbal</i> ajuda a marcar relações de tempo, guiando o leitor. Sintáticos: o <i>mood</i> (indicativo, imperativo, interrogativo), marcador estrutural do significado pragmático. Semânticos: o significado aponta certas relações: <i>causar, desencadear, provocar</i> ou <i>fazer efeito</i> (causal). Pragmáticos: as <i>implicaturas</i> estabelecem relações implícitas entre proposições.
BORDERÍA (2008)	Do encontro de duas tradições, <u>conectivo</u> (francesa) e <u>marcador discursivo</u> (americana), considerados sinônimos em muitos casos, a confusão surgiu. Bordería: <i>marcador discursivo</i> é hiperônimo; <i>conectivo</i> um dos hipônimos (<i>partícula modal</i> ou <i>marcador interativo</i>). (a) MDs tratados por diferentes perspectivas teóricas (Teoria da Argumentação, Linguística do Texto, Teoria da Relevância e gramáticas descritivas, entre outras), que não garantem conformidade teórica. (b) Suas funções não estão claras. Inclui basicamente união; mas inclui inferências implícitas, instruções argumentativas, relações sociais, <i>backchannelling</i> ; relações modais. Relações entre funções semelhantes, entretanto, permanecem longe da clareza. (c) Derivam de categorias gramaticais díspares: advérbios, conjunções e frases preposicionais etc.
HEMPEL e DEGAND (2008)	MARCADORES METADISCURSIVOS DE ORGANIZAÇÃO (MMO) - Marcadores de <i>frame</i> SEQUENCIADORES - Introduzem uma nova sequência (a) Espacial: Relativo a espaço (<i>Por outro lado, De um lado... de outro lado ..</i>). (b) Temporal: Relativo a tempo (<i>Primeiro ... então ... finalmente</i>) (c) Numérico: Relativo a enumeração (<i>Primeiro segundo ...</i>) TOPICALIZADORES - Introduz novo assunto (<i>Com referência a...</i>) MARC. ILOCUCIONAIS -Indica ato ilocucional do autor (<i>Antes disso, VamosAgora eu vou..</i>) REVISÃO/PREVISÃO - Antecipa ou repete estágio do texto (<i>Na seção 3 .. Neste capítulo ...</i>)
FRASER (2009)	MARCADORES PRAGMÁTICOS (1) Marcadores Básicos sinalizam informação intencional (força ilocucionária): (a) <u>Eu admito</u> que me sinto um pouco mal. (b) <u>Por favor</u> , dê-me uma resposta. (c) <u>Minha promessa</u> é que nunca mais farei aquilo novamente. (2) Marcadores de Comentário expressam atitude: <u>Francamente</u> , você deveria ver um médico. (3) Marcadores Discursivos: sinalizam o tipo de relação entre partes do discurso: (a) Eu concordo, mas não dá. (b) Não tenho água quente, <u>então</u> não podemos fazer chá. (c) Ontem choveu. <u>Além disso</u> , a moça não veio. (4) Marcadores de Administração do Discurso , que sinalizam um metacomentário. (a) Marcadores de Estrutura do Discurso: <i>Primeiro - Em resumo - Eu acrescento que...</i> (b) Marcadores de Orientação de Tópico: indica tópico: <i>de qualquer maneira, voltando ao ponto principal, antes que eu me esqueça, mas, por outro lado, incidentalmente, apenas para lembrá-lo, parenteticamente, falando de X, que me lembre.</i> (c) Marcadores de Atenção: mudança de tópico: <i>ah, certo, de qualquer maneira, eh, em qualquer caso, agora, então, oh, ok, assim, muito bom, bem,...</i>

Quadro 3 - Categorias metadiscursivas

Comparando as posições dos autores acima citados, pode-se concluir que os MDs têm sido tratados por diferentes perspectivas teóricas (Teoria da Argumentação, Linguística do Texto, Teoria da Relevância e gramáticas descritivas, entre outras), o que não garante conformidade teórica (BORDERÍA, 2008). Suas funções não estão claras, mas o MD inclui basicamente união, inferências implícitas, instruções argumentativas, relações sociais, relações modais. Em resumo, a validade do estudo dos MDs é questionada por Bordería, porque esses elementos derivam de classes de palavras díspares e sua classificação fica na dependência da abordagem teórica sob cuja ótica é considerada.

Por outro lado, mesmo para quem distingue a função informacional da função interpessoal (Risso, 1992), os exemplos propostos não convencem, já que todos eles podem ter as duas funções. É o caso de exemplos propostos como sendo informacionais (*bom - bem - olha - ah - agora - é o seguinte*), que em nada diferem dos do interpessoal (*certo, sabe, entendeu, claro, né*).

Como dizem Hyland e Tse, "todo metadiscorso é interpessoal no sentido de que considera o conhecimento do leitor, experiência textual e necessidades de processamento e que ele fornece aos escritores uma série de meios retóricos para tanto" (HYLAND; TSE, 2004, p.161). Qualquer uma das categorias serve às duas funções, no sentido de que, as escolhas que se fazem com intuito textual serão sempre feitas tendo em vista um interlocutor, tanto em situação face a face, na modalidade oral, quanto o leitor virtual, na modalidade escrita.

Podemos observar que os artigos mais recentes, em especial, Bordería (2008) e Fraser (2009) referem-se a questões de discussão atual, tais como a avaliação atitudinal e questões pragmáticas, com relação aos MDs ou à persuasão, segundo Dafouz-Milne (2008). Por outro lado, a resenha mostra uma grande variedade de categorias, dividindo os MDs.

Diante disso, e, a concluir pela exposição acima, que os MDs têm basicamente as funções textuais e interpessoais, ou melhor, são um resultado da sobreposição da função interpessoal sobre a textual, ou como propõe Bordería: o termo *MD* usado como um hiperônimo da classe e *conectivo* como um de seus hipônimos, como *partícula modal* ou *marcador interativo*. Assim, decidimos seguir, para a nossa análise, a orientação de Dafouz-Milne (2008), que oferece uma visão que engloba essas funções de maneira geral e organizada do assunto.

2.7 Os Marcadores Metadiscursivos Textual e Interpessoal e a Persuasão

Dafouz-Milne (2008) explora o papel que os MDs desempenham na construção da persuasão em artigos de opinião de jornais ingleses e espanhóis. Os achados sugerem que tanto os MDs textuais e interpessoais estão presentes nesses artigos, mas há variações quanto a sua distribuição e a sua composição, especificamente no caso de certas categorias textuais (i.e. *marcadores lógicos* e *explicitadores*). Quanto ao efeito persuasivo do metadiscorso, os informantes concordaram com que o equilíbrio numérico entre MDs textuais e interpessoais era necessário para tornar o texto persuasivo e orientado para o leitor. O estudo de Dafouz-Milne procurou identificar os MDs que caracterizam o discurso jornalístico, em especial os artigos de opinião, que constituem uma parte dos nossos dados, e

apontar os MDs que funcionam de modo mais persuasivo, de acordo com um grupo de informantes.

A noção de metadiscurso será adotada por Dafouz-Milne, como uma abordagem analítica já que ela tem provado ser útil para a análise textual, aglutinando alguns dos itens explícitos que os escritores usam para guiar seus leitores através do texto, diz a autora. Embora a presença e a função dos MDs tenham sido examinadas em diferentes contextos, incluindo livros-texto (CRISMORE, 1984; HYLAND, 1999, 2000, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 96), redação escolar (CRISMORE *et al.*, 1993, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 96), popularização científica (CRISMORE; FARNSWORTH, 1990, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 96), publicidade (FUERTES-OLIVERA *et al.*, 2001, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 96) e artigos acadêmicos (MAURANEN, 1993; LUUKA, 1994; VALEROGARCES, 1996; MORENO, 1997, 1998; HYLAND, 1998, 1999, 2000, 2001; MUR DUEÑAS, 2007, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 96), surpreendentemente pouca atenção (com exceção de LE, 2004, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 96) tem sido dada ao gênero do discurso jornalístico (mas veja DAFOUZ, 2003).

O discurso jornalístico, e os artigos de opinião em especial, podem ser considerados "alguns dos mais adequados exemplos de escrita persuasiva em todos os países, estabelecendo padrões para a escrita persuasiva" (CONNOR, 1996, p.143). Além disso, e dada a ampla audiência que eles têm em vista e o fato de que eles estão entre os mais lidos gêneros em jornais (BELL, 1991; REAH, 1998, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 96), os artigos de opinião servem para adquirir e reforçar muito do conhecimento e crenças dos leitores (VAN DIJK, 1988, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 96). Apesar da natureza persuasiva desses textos, a aceitação automática das ideias apresentadas nem sempre ocorre. Para persuadir, os articulistas devem apresentar o material proposicional numa forma que a audiência potencial o julgará mais convincente e atrativo. Além disso, para serem bem sucedidos, os escritores precisam criar uma *persona* textual ou *ethos* e desenvolver uma atitude apropriada em relação a seus leitores e às afirmações que apresentam.

Na construção da *persona* textual, o metadiscurso desempenha um papel vital. Contudo, enquanto a função persuasiva do metadiscurso em um texto tem sido discutida e provada (MAURANEN, 1993; HYLAND, 1998, 2005; DAFOUZ, 2003), o efeito persuasivo da audiência não está tão evidente. O estudo de Dafouz-Milne, então, parte para verificar, usando um questionário, se os MDs realmente atingem a

persuasão em um grupo selecionado de informantes e, se assim for, quando da persuasão é articulado metadiscursivamente.

2.7.1 O papel dos MDs em artigos de opinião: uma taxonomia textual e interpessoal

Segundo Dafouz-Milne, após mais de duas décadas desde a publicação dos primeiros trabalhos sobre metadiscorso (WILLIAMS, 1981; CRISMORE, 1984; VANDE KOPPLE, 1985, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 96), o interesse nessa noção é grande tanto da perspectiva teórica quanto prática. A prova disso é a quantidade de estudos que têm adotado a abordagem metadiscursiva (CRISMORE, 1989; CRISMORE *et al.*, 1993; MAO, 1993; HYLAND, 1998; DAFOUZ, 2003, 2006; LE, 2004; DAHL, 2004; MUR DUEÑAS, 2007; NEFF; DAFOUZ, no prelo, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 97), bem como a recente publicação do livro de Hyland (2005), que sintetiza as diferentes concepções, revê os estudos mais relevantes e visa a "oferecer um modelo de metadiscorso mais robusto, explícito e útil" (2005, p. 35).

O metadiscorso refere-se àqueles traços que os escritores incluem para ajudar os leitores a decodificar a mensagem, a compartilhar a visão do escritor e refletir convenções específicas que são seguidas em dada cultura. Segundo Hyland (2005, p.37), o metadiscorso é definido como:

o termo para as expressões de auto-reflexão usado para negociar os significados interacionais de um texto, ajudar o escritor (ou falante) a expressar um ponto de vista e comprometer-se com os leitores como membros de uma dada comunidade. (HYLAND, 2005, p. 37)

O metadiscorso não é, assim, um simples artifício estilístico, mas é dependente do contexto retórico no qual é usado e da função pragmática que ele preenche (MAO, 1993, p.270).

A explicitude é a função-chave do metadiscorso, pois, além de ser um meio prático de identificação e de comparação, ela representa a tentativa explícita do autor de criar um dado efeito discursivo. Os marcadores metadiscursivos (MMs) podem ser de muitos tipos e adotar várias formas. Eles abrangem desde uma palavra ('provavelmente') até uma sentença inteira ('o ponto seguinte abordado neste artigo trata do tópico da economia'), várias sentenças ou mesmo um parágrafo todo. Muitas taxonomias sobre os MMs foram propostas desde que seu interesse

inicial começou há décadas (VANDE KOPPLE, 1985; CRISMORE *et al.*, 1993; BEAUVAIS, 1989; HYLAND, 1998, 2005; DAFOUZ, 2003, apud DAFOUZ-MILNE, 2008, p. 97).

A maioria dessas classificações (exceto a de BEAUVAIS, 1989) geralmente organiza as unidades linguísticas sob cabeçalhos funcionais de metadiscurso textual e interpessoal. Os metadiscursos textuais (MTs) referem-se à organização do discurso, enquanto que os metadiscursos interpessoais (MIs) refletem o posicionamento dos escritores em relação ao conteúdo do texto e ao leitor potencial.

Recentemente, Hyland (2005) e Hyland e Tse (2004) estabeleceram uma forte visão interpessoal do metadiscurso, afirmando que todas as categorias metadiscursivas são essencialmente interpessoais já que elas precisam levar em conta o conhecimento do leitor, as experiências textuais e as necessidades de processamento. Assim, eles propuseram uma mudança na terminologia, adotando o rótulo sugerido por Thompson (2001) de metadiscurso *interativo* (em vez de textual) e metadiscurso *interacional* (em vez de interpessoal). Embora o estudo de Dafouz-Milne alinhe-se com os princípios de que as categorias metadiscursivas são intrinsecamente interpessoais e em última instância almejam persuadir o leitor, a autora prefere continuar a distinção funcional de MTs e MIs. Essa divisão oferecerá uma variedade de subcategorias que possibilitarão cobrir as funções pragmáticas dos MMs e os instrumentos linguísticos usados para realizar essas funções.

A autora oferece um detalhado tratamento das categorias textuais e interpessoais. Sete categorias foram incluídas, conforme Quadro 4.

2.7.2 O metadiscurso textual

Macro-categoria	Subcategoria	Exemplos
Marcadores lógicos Expressam relações semânticas entre trechos do discurso	Aditivo Adversativo Consecutivo Conclusivo	<i>e - além disso - mais ainda mas - contudo - ou assim, por conseguinte, como consequência finalmente, de qualquer modo</i>
Sequenciadores Marcam posições em uma série		<i>primeiro - segundo - de um lado - de outro lado</i>
Rememoradores Refere-se a texto anterior		<i>voltando - como foi mencionado</i>
Topicalizadores Indica mudança de tópico		<i>em termos políticos - no caso do NHS</i>
Explicitadores Explica, refraseia ou exemplifica	Parênteses	<i>Quando (como foi no caso...)</i>
	Pontuação	<i>A evasão de taxas:</i>
	Reformuladores	<i>Em outras palavras - isto é - mais simplesmente</i>

	Exemplificadores	<i>por exemplo</i>
Marcadores Ilocucionários Nomeia explicitamente o ato realizado pelo escritor		<i>Eu proponho - Espero persuadir</i>
Anunciadores Refere-se a futuras seções no texto		Há boas razões - como veremos adiante

Quadro 4 - Categorias do metadiscurso textual (Dafouz-Milne, 2008)

2.7.3 O metadiscurso interpessoal

Cinco categorias são propostas para o metadiscurso interpessoal.

Macro-categoria	Subcategoria	Exemplos
Hedges (modalizadores) Expressam compromisso parcial ao valor-verdade do texto	Verbos epistêmicos	<i>pode - poderia - deve</i>
	Advérbios de probabilidade	<i>provavelmente - pode ser - talvez</i>
	Expressões epistêmicas	<i>É possível</i>
Marcadores de certeza Expressam compromisso total com o valor-verdade do texto		<i>Sem dúvida - certamente</i>
Atribuidores Referem-se à fonte da informação		<i>X afirmou - Como lembrou o ministro</i>
Marcadores atitudinais Expressam valores afetivos do escritor em relação ao texto e ao leitor	Verbos deônticos	<i>Precisa - devemos entender - necessitamos</i>
	Advérbios atitudinais	<i>Infelizmente - pateticamente</i>
	Adjetivos atitudinais	<i>É um absurdo - É surpreendente</i>
	Verbos cognitivos	<i>Sinto que - Penso que - Acredito que</i>
Comentários Ajudam a estabelecer a comunicação entre escritor-leitor no decorrer do texto	Perguntas retóricas	<i>Qual é o futuro da criança...</i>
	Endereçamento direto	<i>Você precisa entender, caro leitor</i>
	Expressões inclusivas	<i>Todos nós acreditamos - Vamos resumir</i>
	Personificação	<i>O que os votos estão dizendo</i>
	À parte	<i>Diana (ironicamente para Spenser)...</i>

Quadro 5 - Categorias do metadiscurso interpessoal (Dafouz-Milne (2008)

Assim, decidimos, nesta pesquisa, delimitar o número dessas categorias, restringindo-nos a examinar no texto oral e escrito os seguintes itens, já que:

- (a) alguns MTs são específicos da escrita e, portanto, foram excluídos;
- (b) dentre os MTs, julgamos importante os Marcadores Lógicos, pois eles são um dos fatores que constituem problema na passagem da modalidade oral para a escrita;
- (c) quanto aos MIs, julgamos importante verificar a utilização de elementos que indicam o posicionamento do autor (*hedges*, marcadores de certeza e de atitude), utilizados por bons escritores (veja THOMPSON, 2001).

Marcadores Metadiscursivos selecionados para a análise dos dados		
MARCADORES METADISCURSIVOS TEXTUAIS (MMT)		
Macro-categoria	Subcategoria	Exemplos
Marcadores Lógicos Expressam relações semânticas entre trechos do discurso	Aditivo Adversativo Consecutivo Conclusivo	<i>e - além disso - mais ainda mas - contudo - ou assim, por conseguinte, como consequência finalmente, de qualquer modo</i>
Sequenciadores Marcam posições em uma série		<i>primeiro - segundo - de um lado - de outro lado</i>
Topicalizadores Indica mudança de tópico		<i>em termos políticos - no caso do NHS -</i>
MARCADORES METADISCURSIVOS INTERPESSOAIS (MMI)		
Macro-categoria	Subcategoria	Exemplos
Hedges (modalizadores) Expressam compromisso parcial ao valor-verdade do texto	Verbos epistêmicos	<i>pode - poderia - deve</i>
	Advérbios de probabilidade	<i>provavelmente - pode ser - talvez</i>
	Expressões epistêmicas	<i>é possível</i>
Marcadores de certeza Expressam total compromisso		<i>sem dúvida - certamente</i>
Marcadores atitudinais Expressam valores afetivos do escritor em relação ao texto e ao leitor	Verbos deônticos	<i>precisa - devemos entender - necessitamos</i>
	Advérbios atitudinais	<i>Infelizmente - pateticamente</i>
	Adjetivos atitudinais	<i>é um absurdo - é surpreendente</i>
	Verbos cognitivos	<i>sinto que - penso que - acredito que</i>
Comentários Ajudam a estabelecer a comunicação entre escritor-leitor no decorrer do texto	Perguntas retóricas	<i>Qual é o futuro da criança...</i>
	Endereçamento direto	<i>Você precisa entender, caro leitor</i>
	Expressões inclusivas	<i>Todos nós acreditamos - Vamos resumir</i>
	Personificação	<i>O que os votos estão dizendo</i>
	À parte	<i>Diana (ironicamente para Spenser)...</i>

Quadro 6 - MMT e MMIs verificados nos dados

Assim, temos um quadro que finalmente resume as categorias em:

MMT	Marcadores Lógicos Sequenciadores Topicalizadores	Expressam relações semânticas entre trechos do discurso; indicam posições em uma série e indicam mudança de tópico.
MMI	Epistêmicos/Marcadores de certeza Deônticos Comentários	Expressam posicionamento do autor e estabelecem a interação.

Quadro 7 - Resumo dos marcadores metadiscursivos textual e interpessoal

3 METODOLOGIA

3.1 Dados

O *corpus* deste trabalho compõe-se de uma entrevista coletada pelo Projeto NURC e um artigo de opinião publicado no Jornal Folha de São Paulo.

Os MDs (MMT e MMI) da modalidade oral foram examinados em entrevista documentada pelo Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil). O NURC “tem por finalidade documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado no Brasil” (CASTILHO; PRETI, 1986, p. 2). O diálogo, entre dois informantes: L1, homem, paulistano, solteiro, engenheiro, com 26 anos; e L2, mulher, paulistana, solteira, psicóloga, com 25 anos, tem como tema “A cidade e o comércio”, foi gravado em 15 de março de 1976 e tem 80 minutos de duração. Os MDs (MMT e MMI) da modalidade escrita foram examinados em um artigo de opinião: “Templo é dinheiro?”, de Clovis Rossi, publicado no Jornal Folha de São Paulo, Caderno de Opinião, em 28 de agosto de 2009.

3.2 Procedimentos de análise

A análise foi feita da seguinte maneira:

- (a) segmentação da conversa ou do artigo em de unidades oracionais, seguida de
- (b) anotação das relações discursivas, com base no Quadro 7, que repetimos:

MMT	Marcadores Lógicos Sequenciadores Topicalizadores	Expressam relações semânticas entre trechos do discurso; indicam posições em uma série e indicam mudança de tópico.
MMI	Epistêmicos/Marcadores de certeza Deônticos Comentários	Expressam posicionamento do autor e estabelecem a interação.

Quadro 7 - Resumo dos marcadores metadiscursivos textual e interpessoal

A análise de cada uma das subcategorias de MMT (marcador metadiscursivo textual) e MMI (marcador metadiscursivo interpessoal) foi feita de forma independente a partir da seguinte ordem, verificando:

- (a) Marcadores Lógicos;
- (b) Sequenciadores;

- (c) Topicalizadores;
- (d) Epistêmicos/Marcadores de Certeza
- (e) Deônticos;
- (f) Comentários.

Os MDs para cada categoria foram computados manualmente e sublinhados.

A seguir, para facilitar a visualização, colocamos no Quadro 8:

MMT		Código
(a) Lógico - que introduz*	oração subord. adverbial ou substantiva	(sub)
	oração adjetiva	(pron)
	oração reduzida	(reduz)
	oração coordenada	(coord)
(b) Sequenciador**		sublinhado
(c) Topicalizador**		sublinhado
MMI		
(d) Epistêmico/Certeza		(E)/(C)
(e) Deôntico		(D)
(f) Comentário	Pergunta Retórica	(perg)
	Expressão Inclusiva	(incl)
	Endereçamento Direto	(end)

Quadro 8 - A codificação na análise

*Essa distinção decorre do fato de nos Marcadores Lógicos, os resultados serem bastante diferentes para as modalidades escrita e oral.

**Os MMTs Sequenciadores e Topicalizadores, como não há distinção em subtipos, foram apenas sublinhados e computados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Iniciamos a análise dos marcadores metadiscursivos na escrita e na fala, examinando os MMTs [Lógicos, Sequenciadores e Topicalizadores] e os MMIs [Epistêmicos/Certeza, Deônticos e Comentários], tendo em mente as perguntas de pesquisa:

(a) Quais são os MMTs e os MMIs que mais ocorrem na modalidade oral e na modalidade escrita?

(b) De que modo essas ocorrências ajudam a compreender a sintaxe característica dessas modalidades?

A seguir transcrevemos as análises das subcategorias de MMTs: (a) Lógicos, (b) Sequenciadores e (c) Topicalizadores; e MMIs: (d) Epistêmicos e Certeza, (e) Deônticos e (f) Comentários. Os textos de ambas as modalidades foram colocados lado a lado apenas para facilitar a visualização dos marcadores analisados.

NOTA: # marca início de parágrafo

(a) Verificação de Marcadores Lógicos

ESCRITA		ORAL	
<p>TEMPLO É DINHEIRO? CLÓVIS ROSSI Folha de São Paulo 28/08/09</p>		<p>PROJETO NURC/SP [INQUÉRITO No. 343 - BOBINA N°. 130 - INFS. N°s. 441 e 442] <i>Tipo de inquérito:</i> diálogo entre dois informantes (D2) <i>Duração:</i> 80 minutos <i>Data do registro:</i> 15/03/76 <i>Tema:</i> A cidade, o comércio. <i>Locutor 1:</i> Homem, 26 anos, solteiro, engenheiro, paulistano, pais paulistanos, 1ª. faixa etária. (Inf. no.442) <i>Locutor 2:</i> Mulher, 25 anos, solteira, psicóloga, paulistana, pais paulistanos, 1ª. faixa etária. (Inf. no.441)</p>	
273 palavras		822 palavras	
#Passo a coluna para o deputado Chico Alencar (PSOL-RJ), <u>porque</u> o <u>que</u> ele narra consegue ser estarrecedor mesmo em um país <u>em que</u> parecia esgotado o estoque de estarrecimentos.	sub/pron pron	Doc - gostaríamos <u>que</u> vocês falassem a respeito da cidade e do comércio... L1 - tem saído ultimamente... de carro ? L2 - «risos» tenho <u>mas</u> você diz sair... fora... sair normalmente para a escola essas coisas?	sub coord
#Chico fala da madrugada de 26 para 27 deste mês, <u>em que</u> a Câmara dos Deputados aprovou um absurdo projeto de lei <u>que</u> "dispõe sobre as garantias <u>e</u> direitos fundamentais ao livre exercício da crença e dos cultos religiosos" ("você sabia que estavam ameaçados?", pergunta o deputado. E você, sabia?).	pron pron coord	L1 - <u>pegar</u> a cidade () = para pegar (implícito) L2 - tenho <u>se bem que</u> eu acho <u>que</u> eu conheço pouco a cidade ... por exemplo <u>se</u> eu for comparar com...	sub impl sub (2) sub
#Passemos ao estarrecedor, na palavra do deputado: " <u>Se</u> o acordo Santa Sé/governo brasileiro já era questionável em vários aspectos,	sub	L1 - você viu <u>se</u> está gravando direito aí? D - está está eu já deixo no automático... L1 - ah o automático não indica velô/ ... D - não... «vozes distantes» L2 - tenho saído sim... assim em termos <u>mas</u> eu	sub sub sub coord

<p>o acórdão com setores evangélicos (não a totalidade), patrocinado por quase todos os partidos (inclusive o "oposicionista" DEM), à exceção do PSOL, foi um absurdo.</p> <p>O projeto tramitou numa celeridade inédita (foi apresentado em julho agora) e, com o relator Eduardo Cunha (PMDB-RJ, neoevangélico), avançou a toque de caixa em plenário, sem <u>ter sido</u> nem sequer proposto no colégio de líderes".</p> <p>#Consequência da aprovação: "É o liberou geral. Agora, <u>quem</u> inventar uma "instituição religiosa" terá sua organização obrigatoriamente reconhecida pelo Estado no simples ato de criação, independentemente de lastro histórico e cultural, doutrina, corpo de crença. É o supermercado aberto da "fé". E a "instituição" poderá modificar à vontade suas instâncias. E suas atividades gozarão de todas as isenções, imunidades e benefícios - fiscais, trabalhistas, patrimoniais - possíveis e imagináveis".</p> <p>#O país já conhece o resultado <u>do que</u> Chico Alencar chama de "supermercado da fé", graças às denúncias do Ministério Público contra a alta cúpula de um desses "supermercados, <u>que</u> tem também uma rede de televisão, além de templos (aliás, Chico pergunta: "templo é dinheiro?").</p>	<p>coord</p> <p>reduz</p> <p>pron</p> <p>pron</p> <p>pron</p>	<p>por exemplo:... de sair:... éh:... sabe sair por aí:: <u>descobrir</u> = para descobrir</p> <p>L1 - uhn</p> <p>L2 - lugares novos e tal acho <u>que</u> meu conhecimento de São Paulo é muito restrito <u>se</u> comparar com papai por exemplo... eu fui:: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá no () né? lá na Celso Furtado</p> <p>L1 - éh::</p> <p>L2 - passei ali em frente à: Faculdade de Direito... <u>então</u> estava lembrando... <u>que</u> eu ia muito lá <u>quando</u> tinha sete nove onze... (com) a titia sabe?... <u>e</u>:: está muito pior a compar cidade... está... o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo... tudo acinzentado né? ruas mais ou menos sujas... ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né? ... achei horrível... feio feio feio... e toda segunda à noite</p> <p>L2 - e: né? colinas tal <u>mas</u> que é muito mal aproveitado bom (aí você vai entrar na na) área verde...<u>que</u> quase não tem e tal[</p> <p>L1 - isso é bem de cidade grande né?</p> <p>L2 - oi?</p> <p>L1 - cidade <u>que</u> não dá <u>para ter</u> planejamento (?) ela está crescendo desordenadamente</p> <p>L2 - dá daria né? <u>é que</u> não:: = porque</p> <p>L1 - e:: sempre... <u>quem</u> manda é::... os... a::... -- como é que <u>se diz</u> -- ... especulação imobiliária né? ... certo local fica bom <u>para construir</u> todo (e) todo mundo (implícito)</p> <p>mundo pa corre para lá né? <u>então</u> constrói-se muitos prédios ali <u>e</u> aí depois muda...</p> <p>L2 - esse negócio de lei de zoneamento não está funcionando?</p> <p>L1 - não <u>que</u> eu saiba não::... não é tão...tão forte essa lei (que) não não consegue... moldar a cidade...</p> <p>L2 - não <u>porque</u> eu ouvi <u>depois que</u>... depois que estabeleceram aí::</p> <p>L1 - (tem isso) <u>porque</u> envolve interesses econômicos muito...</p> <p>FORtes muito grandes... <u>que</u> dobram essa lei... certo? dum...dum...dum governo para o outro... muda a lei de zoneamento.. <u>eu não vejo</u> (=mas eu não vejo) implícito</p> <p><u>funcionar</u>... e <u>mesmo assim</u> seria uma restrição de... desenvolvimento... errado mas já está um montão de coisa errada certo?... muito bairro::... residencial com muita indústria dentro...</p>	<p>sub implit</p> <p>sub</p> <p>sub</p> <p>coord/sub</p> <p>sub</p> <p>coord</p> <p>coord</p> <p>pron</p> <p>pron/red</p> <p>sub</p> <p>pron</p> <p>sub</p> <p>reduz</p> <p>coord impl</p> <p>coord 2</p> <p>coord</p> <p>sub</p> <p>sub impl</p> <p>sub/sub</p> <p>sub</p> <p>pron</p> <p>coord impl</p> <p>red/coord</p>
---	---	--	--

	<p>principalmente bairro pobre né?... <u>para consertar</u> isso:::não dá...a lei teria que ser... éh:: retroativa sei lá <u>atuar</u> sobre o que já existe</p> <p>L2 - unn uhn...</p> <p>L1 - (né? então) eu Acho <u>que</u> ela não está conseguindo atuar sobre o <u>que</u> vai existir... em termos ela existe</p> <p>L2 - EH:::</p> <p>L1 - ela está lá <u>mas</u>:: não funciona... <u>porque</u></p> <p>L2 - eu vejo</p> <p>L1 - acho <u>que</u> a economia é <u>mais forte do que</u> a lei... ainda...é meio incontrolável né? e acho <u>que</u>::... acho que esse negócio se repete <u>ou</u> acaba se repetindo em qualquer cidade</p> <p><u>que</u>... atinge um certo tamanho <u>se bem que</u> em São Paulo acho <u>que</u> tem um problema específico</p> <p><u>de</u>::... <u>ter-se</u> tornado um centro industri/ industrial... grande essas coisas tem um professor meu <u>que</u> vai agora pra::</p> <p>L1 - <u>quando</u> era pequena e <u>quando</u> era grande... ela mesma... problemática básica... <u>só que</u>... <u>quando</u> ela cresce isso se::: se torna... aparente... não tem que ver com nada de mudança... tipo amadurecimento... certo? cidade pequena tem CAro... <u>já que</u> o número de carros é pequeno <u>então</u> não tem trânsito..</p> <p>L2 - uhn</p> <p>L1 - (okay?) cidade (grande) também tem carro você pega uma cidade pequena a proporção de carros por indivíduo pode ser maior até que uma cidade grande e não ter congestionamento... e todos os carros da cidade pequena podem fazer uma fumaceira desgraçada <u>que</u> não:: poluir a cidade...</p> <p>L2 - o problema seria mais quantitativo?</p> <p>L1 - <u>então</u> seria uma é... é são quantidades poluição por quantidade de área existente né? ... circulação de ar et cetera..</p> <p>L2 - (produção)...</p> <p>L1 - sugestão...</p> <p>L2 e Doc. «risos))</p> <p>L1 - para continuidade</p> <p>Doc.sugestões e a opinião de vocês a respeito do metrô?</p> <p>L2 - um elevador <u>que</u> anda:: «risos))... comentário de::</p> <p>de::... é:: (comentário) de nordestino chegando "elevador</p> <p>Doc. (autocrata)</p> <p>L2 - <u>que</u> anda ao contrário <u>que</u> anda de cá para</p>	<p>reduz</p> <p>reduz</p> <p>sub pron</p> <p>coord/sub</p> <p>pron/sub</p> <p>sub/coord</p> <p>pron/sub sub</p> <p>reduz</p> <p>pron</p> <p>coord – 3</p> <p>coord</p> <p>sub</p> <p>sub coord</p> <p>coord – 2</p> <p>sub</p> <p>coord</p> <p>pron</p> <p>pron – 2</p>
--	--	---

		<p>lá aperta um botão e:: começa a andar"... éh:: sei lá... metrô?...</p> <p>L1 - está meio atrasado né? ... já devia ter muito tempo...</p> <p>L2 - está tendo boa aceitação né? ... <u>em geral</u> eu nunca andei de metrô aqui sabe?</p> <p>Doc.- ah:: vale a pena...</p> <p>L2 - é me disseram <u>que</u> va::le</p> <p>L1 - <u>porque</u> ele ainda não está... trabalhando bem né? ou seja ele está funcionando <u>mas</u>... acho <u>que</u> a: causa básica dele é transporte em massa... (correto?) é um meio de transporte <u>que</u>... não causa trânsito... <u>não causa</u> (que não) congestionamento o metrô... funciona diferente de vários ônibus né? (não é) um ônibus atrás do outro... <u>mas</u> é um transporte RApido... é uma... das opções de transporte...(agora) para você... transportar a massa... BEM você não pode ter uma linha só... você tem que ter várias linhas <u>para cobrir</u> toda a área de São Paulo e distribuir né?</p>	<p>coord</p> <p>coord impl</p> <p>sub</p> <p>coord</p> <p>coord</p> <p>sub</p> <p>pron /impl</p> <p>coord</p> <p>coord</p> <p>red/coord</p>
--	--	---	---

Apresentamos, a seguir, a Tabela 1, que mostra a ocorrência dos MMTs Lógicos nas modalidades escrita e oral:

	subord. subst/adv	subord. adjetivas	reduzida	implícita	coordenadas	total
ESCRITA (273 pals) 14 lógicos (30,43%)	2 14,5%	7 50,0%	1 7,0%	0 0,0%	4 28,5%	14 100%
ORAL (822 pals) 79 lógicos (47,06%)	28 35,5%	12 15,0%	6 7,5%	7 9,0%	26 33,0%	79 100%

Tabela 1 - MMTs Lógicos na escrita e no oral

Discussão dos MMT Lógicos

Considerando a diferença de extensão entre o texto escrito e o oral examinados, verificamos a porcentagem de ocorrências dos conectivos lógicos nos dois textos: eles representam 30,43% do texto escrito e 47,06% do oral. Ou seja, a grande maioria dos MMTs Lógicos incide no texto oral. Então, passamos a questionar como essa porcentagem se dividiria entre os tipos de MMTs Lógicos.

De um modo geral, vê-se que a escrita apresenta, em relação à oral, uma grande porcentagem de orações subordinadas adjetivas: 50,0% contra apenas

15,0%, mas apresenta menor número de orações subordinadas substantivas ou adverbiais (14,5% X 35,0%), fato que nos surpreendeu, pois a expectativa era pelo oposto. Porém, confirma as palavras de Halliday de que a sintaxe da modalidade oral é mais complexa do que a da escrita, como já nos referimos. No entanto, o menor número de orações coordenadas na escrita (28,5% X 33,0%) confirma a tradição: a coordenação é mais comum na fala. Por outro lado, as relações implícitas prevalecem na modalidade oral em relação à escrita, que não apresentou nenhum desse caso.

A maioria de ocorrência de coordenadas e de relações implícitas na modalidade oral em comparação com a escrita pode esclarecer a razão de os alunos omitirem os conectivos em suas produções escritas, permanecendo nos mais corriqueiros: *e*, *então*, *mas*, e outros coordenativos.

O fato de na conversa a interação ocorrer em tempo real, em situação de face a face, é muitas vezes suficiente para esclarecer o tipo de relação que une as porções do texto, o que não ocorre na escrita. Assim, o escritor deve esclarecer essas relações para orientar seu leitor em direção da informação pretendida. Nesse sentido, os conectores lógicos têm importante função interpessoal, além da função textual, como afirmam Hyland e Tse. A tendência, porém, que se observa, é a transposição, por parte dos alunos, de escolhas léxico-gramaticais da modalidade oral para a modalidade escrita sem fazer as adaptações exigidas por esta última.

(b) Verificação de Sequenciadores (Marcam posições em uma série: e.g. *primeiro* - *segundo* - *de um lado* - *de outro lado*)

ESCRITA		ORAL	
<p>TEMPLO É DINHEIRO? CLÓVIS ROSSI Folha de São Paulo 28/08/09</p>		<p>PROJETO NURC/SP [INQUÉRITO No. 343 - BOBINA N°. 130 - INFS. N°s. 441 e 442] <i>Tipo de inquérito</i>: diálogo entre dois informantes (D2) <i>Duração</i>: 80 minutos <i>Data do registro</i>: 15/03/76 <i>Tema</i>: A cidade, o comércio. <i>Locutor 1</i>: Homem, 26 anos, solteiro, engenheiro, paulistano, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. no.442) <i>Locutor 2</i>: Mulher, 25 anos, solteira, psicóloga, paulistana, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. no.441)</p>	
<p>273 palavras</p>		<p>822 palavras</p>	
<p>#Passo a coluna para o deputado Chico Alencar (PSOL-RJ), porque o que ele narra consegue ser estarrecedor mesmo em um país em que parecia esgotado o estoque de estarrecimentos. Chico fala da madrugada de 26 para 27 deste mês, em que a Câmara dos Deputados aprovou</p>		<p>Doc - <u>gostaríamos</u> que vocês falassem a respeito da cidade e do comércio... L1 - tem saído ultimamente... de carro ? L2 - «risos» tenho <u>mas</u> você diz sair... fora... sair normalmente para a escola essas coisas? L1 - pegar a cidade ()</p>	

<p>um absurdo projeto de lei que "dispõe sobre as garantias e direitos fundamentais ao livre exercício da crença e dos cultos religiosos" ("você sabia que estavam ameaçados?", pergunta o deputado. E você, sabia?).</p> <p>#<u>Passemos</u> ao estarrecedor, na palavra do deputado: "Se o acordo Santa Sé/governo brasileiro já era questionável em vários aspectos, o acórdão com setores evangélicos (não a totalidade), patrocinado por quase todos os partidos (inclusive o "oposicionista" DEM), à exceção do PSOL, foi um absurdo.</p> <p>#O projeto tramitou numa celeridade inédita (foi apresentado em julho agora) e, com o relator Eduardo Cunha (PMDB-RJ, neoevangélico), avançou a toque de caixa em plenário, sem ter sido nem sequer proposto no colégio de líderes".</p> <p>#Consequência da aprovação: "É o liberou geral. <u>Agora</u>, quem inventar uma "instituição religiosa" terá sua organização obrigatoriamente reconhecida pelo Estado no simples ato de criação, independentemente de lastro histórico e cultural, doutrina, corpo de crença. É o supermercado aberto da "fé". <u>E</u> a "instituição" poderá modificar à vontade suas instâncias. <u>E</u> suas atividades gozarão de todas as isenções, imunidades e benefícios - fiscais, trabalhistas, patrimoniais - possíveis e imagináveis".</p> <p>#O país já conhece o resultado do que Chico Alencar chama de "supermercado da fé", graças às denúncias do Ministério Público contra a alta cúpula de um desses "supermercados, que tem também uma rede de televisão, além de templos (aliás, Chico pergunta: "templo é dinheiro?").</p>		<p>L2 - tenho se bem que eu acho que eu conheço pouco a cidade ... por exemplo se eu for comparar com...</p> <p>L1 - você viu se está gravando direito aí?</p> <p>D - está está eu já deixo no automático...</p> <p>L1 - ah o automático não indica velô/ ...</p> <p>D - não... «vozes distantes»</p> <p>L2 - tenho saído sim... assim em termos <u>mas</u> eu por exemplo:... de sair:... éh:... sabe sair por aí:: descobrir</p> <p>L1 - uhn</p> <p>L2 - lugares novos e tal acho que meu conhecimento de São Paulo é muito restrito se comparar com papai por exemplo... eu fui: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá no () né? lá na Celso Furtado</p> <p>L1 - éh::</p> <p>L2 - passei ali em frente à: Faculdade de Direito... <u>então</u> estava lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze... (com) a titia sabe?... e:: está muito pior a cidade... está... o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo... tudo acinzentado né? ruas mais ou menos sujas... ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né? ... achei horrível... feio feio feio... <u>e</u> toda segunda à noite</p> <p>L2 - e: né? colinas tal mas que é muito mal aproveitado bom (aí você vai entrar na na) área verde...que quase não tem e tal[</p> <p>L1 - isso é bem de cidade grande né?</p> <p>L2 - oi?</p> <p>L1 - cidade que não dá para ter planejamento (?) ela está crescendo desordenadamente</p> <p>L2 - dá daria né? é que não::</p> <p>L1 - e:: sempre... quem manda é::... os... a::... -- como é que se diz - - ... especulação imobiliária né? ... certo local fica bom para construir todo mundo pa corre para lá né? <u>então</u> constrói-se muitos prédios ali e aí depois muda...</p> <p>L2 - esse negócio de lei de zoneamento não está funcionando?</p> <p>L1 - não que eu saiba não::... não é tão...tão forte essa lei não não consegue... moldar a cidade...</p> <p>L2 - não porque eu ouvi depois que... depois que estabeleceram aí::</p> <p>L1 - (tem isso) porque envolve interesses econômicos muito...</p> <p>FORtes muito grandes... que dobram essa lei...</p>	
--	--	--	--

		<p>certo? dum...dum...dum governo para o outro... muda a lei de zoneamento... eu não vejo funcionar... e mesmo assim seria uma restrição de... desenvolvimento... errado mas já está um montão de coisa errada certo?... muito bairro:... residencial com muita indústria dentro... principalmente bairro pobre né?... para consertar isso::não dá...a lei teria que ser... éh:: retroativa sei lá atuar sobre o que já existe</p> <p>L2 - unn uhn...</p> <p>L1 - (né? <u>então</u>) eu Acho que ela não está conseguindo atuar sobre o que vai existir... em termos ela existe</p> <p>L2 - EH::</p> <p>L1 - ela está lá mas:: não funciona... porque</p> <p>L2 - eu vejo</p> <p>L1 - acho que a economia é mais forte do que a lei... ainda...é meio incontrolável né? e acho que:... acho que esse negócio se repete ou acaba se repetindo em qualquer cidade que... atinge um certo tamanho se bem que em São Paulo acho que tem um problema específico de::... ter-se tornado um centro industri/ industrial... grande essas coisas tem um professor meu que vai agora pra::</p> <p>L1 - quando era pequena e quando era grande... ela mesma... problemática básica... \só que... quando ela cresce isso se:: se torna... aparente... não tem que ver com nada de mudança... tipo amadurecimento... certo? cidade pequena tem CArro... já que o número de carros é pequeno então não tem trânsito.. .</p> <p>L2 - uhn</p> <p>L1 - (<i>okay?</i>) cidade (grande) também tem carro você pega uma cidade pequena a proporção de carros por indivíduo pode ser maior até que uma cidade grande e não ter congestionamento... e todos os carros da cidade pequena podem fazer uma fumaceira desgraçada que não:: poluir a cidade...</p> <p>L2 - o problema seria mais quantitativo?</p> <p>L1 - <u>então</u> seria uma é... é são quantidades poluição por quantidade de área existente né? ... circulação de ar et cetera.. .</p> <p>L2 - (produção)...</p> <p>L1 - sugestão...</p> <p>L2 e <i>Doc.</i> «risos»</p> <p>L1 - para continuidade</p> <p><i>Doc.</i> sugestões e a opinião de vocês a respeito do metrô?</p>	
--	--	---	--

		<p>L2 - um elevador que anda:: «risos))... comentário de::</p> <p>de::... é:: (comentário) de nordestino chegando "elevador</p> <p>Doc. (autocrata)</p> <p>L2 - que anda ao contrário que anda de cá para lá aperta um</p> <p>botão e:: começa a andar"... éh:: sei lá... metrô?...</p> <p>L1 - está meio atrasado né? ... já devia ter muito tempo...</p> <p>L2 - está tendo boa aceitação né? ... em geral eu nunca andei de metrô aqui sabe?</p> <p>Doc.- ah:: vale a pena...</p> <p>L2 - é me disseram que va::le</p> <p>L1 - porque ele ainda não está... trabalhando bem né? ou seja ele está funcionando mas... acho que a: causa básica dele é transporte em massa... (correto?) é um meio de transporte que... não causa trânsito... não causa congestionamento o metrô... funciona diferente de vários ônibus né? (não é) um ônibus atrás do outro... mas é um transporte RApido... é uma... das opções de transporte...(agora) para você... transportar a massa... <u>BEM</u> você não pode ter uma linha só... você tem que ter várias linhas para cobrir toda a área de São Paulo e distribuir né?</p>	
--	--	---	--

A seguir, a Tabela 2 mostra a ocorrência dos MMTs Sequenciadores nas duas modalidades:

ESCRITA (273 pals)	5 10,89%
ORAL (822 pals.)	9 5,35%

Tabela 2 - Ocorrência dos MMTs Sequenciadores na escrita e no oral

Discussão dos MMT Sequenciadores

A porcentagem maior (10,89%) de MMTs Sequenciadores na escrita sugere que, na ausência do leitor, o escritor precisa sinalizar claramente a ordem em que os assuntos aparecem, para facilitar ao leitor o acompanhamento de seu raciocínio. Como atestam Hempel e Degand (2007), em textos escritos esse processo é mais

difícil já que a interação escrita representa um modo específico na negociação da transferência de informação: ela é fechada e não-recíproca, enquanto que no evento comunicativo ela é aberta e recíproca, pois o ouvinte pode reagir diretamente e responder ao que foi dito. Na escrita, o uso de Sequenciadores garante um texto bem estruturado, amarrado. Essa é uma característica da escrita, uma vez que, nela há tempo para a edição do texto, além de - na ausência da situação face a face - o escritor poder sinalizar ao leitor as várias partes em que quer dividir o texto. No texto de um editorial, devemos esperar maior ocorrência de Sequenciadores, porque o autor desejará convencer seus leitores da relevância de seu ponto de vista e para isso ele quer garantir ao máximo que sua mensagem seja entendida na sequência que propõe (HEMPEL e DEGAND, 2007).

Por outro lado, na oralidade não vemos isso acontecer, a ocorrência de Sequenciadores é menor, 5.35% contra 10.89% na escrita. O baixo número desse MMT na oralidade é também uma característica que permeia as produções dos alunos que, com a bagagem da sintaxe da modalidade oral que possuem, não conseguem explicitar devidamente a sequencialização almejada, e acabam comprometendo a ligação entre as partes do texto. Os Sequenciadores contribuem para fragmentar a informação em porções significativas, que serão por eles reunidos para criar a coesão textual e a coerência discursiva.

(c) Verificação de Topicalizadores (Lembrete: Indica mudança de tópico: e.g. *em termos políticos - no caso do NHS*)

ESCRITA		ORAL	
<p>TEMPLO É DINHEIRO?</p> <p>CLÓVIS ROSSI</p> <p>Folha de São Paulo 28/08/09</p>		<p>PROJETO NURC/SP [INQUÉRITO No. 343 - BOBINA N°. 130 - INFS. N°s. 441 e 442]</p> <p><i>Tipo de inquérito:</i> diálogo entre dois informantes (D2)</p> <p><i>Duração:</i> 80 minutos</p> <p><i>Data do registro:</i> 15/03/76</p> <p><i>Tema:</i> A cidade, o comércio.</p> <p><i>Locutor 1:</i> Homem, 26 anos, solteiro, engenheiro, paulistano, pais paulistanos, 1ª. faixa etária. (Inf. no.442)</p> <p><i>Locutor 2:</i> Mulher, 25 anos, solteira, psicóloga, paulistana, pais paulistanos, 1ª. faixa etária. (Inf. no.441)</p>	
<p>273 palavras</p> <p>#Passo a coluna para o deputado Chico Alencar (PSOL-RJ), porque o que ele narra consegue ser estarecedor mesmo em um país em que parecia esgotado o estoque de estarecimentos.</p> <p>#Chico fala da madrugada de 26 para 27 deste mês, em que a Câmara dos Deputados aprovou um absurdo projeto de lei que "dispõe sobre as</p>		<p>822 palavras</p> <p>Doc - <u>gostaríamos</u> que vocês falassem a respeito da cidade e do comércio.. .</p> <p>L1 - <u>tem saído ultimamente... de carro</u> ?</p> <p>L2 - «risos» tenho mas você diz sair... fora... sair normalmente para a escola essas coisas?</p> <p>L1 - <u>pegar a cidade</u> ()</p> <p>L2 - tenho se bem que eu acho que eu conheço</p>	

<p>garantias e direitos fundamentais ao livre exercício da crença e dos cultos religiosos" ("<u> você sabia </u>que estavam ameaçados?"; pergunta o deputado. E você, sabia?).</p> <p><u>#Passemos ao estarrecedor</u>, na palavra do deputado: "Se o acordo Santa Sé/governo brasileiro já era questionável em vários aspectos, o <u>acórdão com setores evangélicos</u> (não a totalidade), patrocinado por quase todos os partidos (inclusive o "oposicionista" DEM), à exceção do PSOL, foi um absurdo. <u>O projeto tramitou numa celeridade inédita</u> (foi apresentado em julho agora) e, com o relator Eduardo Cunha (PMDB-RJ, neoevangélico), avançou a toque de caixa em plenário, sem ter sido nem sequer proposto no colégio de líderes".</p> <p><u>#Consequência da aprovação</u>: "É o liberou geral. <u>Agora</u>, quem inventar uma "instituição religiosa" terá sua organização obrigatoriamente reconhecida pelo Estado no simples ato de criação, independentemente de lastro histórico e cultural, doutrina, corpo de crença. É o supermercado aberto da "fé". <u>E a "instituição" poderá modificar à vontade suas instâncias</u>. E suas atividades gozarão de todas as isenções, imunidades e benefícios - fiscais, trabalhistas, patrimoniais - possíveis e imagináveis".</p> <p><u>#O país</u> já conhece o resultado do que Chico Alencar chama de "supermercado da fé", graças às denúncias do Ministério Público contra a alta cúpula de um desses "supermercados, que tem também uma rede de televisão, além de templos (aliás, Chico pergunta: "templo é dinheiro?").</p>		<p>pouco a cidade ... por exemplo se eu for comparar com...</p> <p>L1 - <u>você viu se está gravando direito aí?</u></p> <p>D - está está eu já deixo no automático...</p> <p>L1 - ah o automático não indica velô/ ...</p> <p>D - não... «vozes distantes»</p> <p>L2 - tenho saído sim... assim em termos mas eu por exemplo:... de sair:... éh:... sabe sair por aí:: descobrir</p> <p>L1 - uhn</p> <p>L2 - <u>lugares novos</u> e tal acho que meu conhecimento de São Paulo é muito restrito se comparar com papai por exemplo... <u>eu fui:: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá no () né?</u> lá na Celso Furtado</p> <p>L1 - éh::</p> <p>L2 - passei ali em frente à:: Faculdade de Direito... <u>então estava lembrando</u>... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze... (com) a titia sabe?... e:: <u>está muito pior a cidade</u>... está... o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo... tudo acinzentado né? ruas mais ou menos sujas... ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né? ... achei horrível... feio feio feio... e toda segunda à noite</p> <p>L2 - e: né? colinas tal mas que é muito mal aproveitado bom <u>(aí você vai entrar na na) área verde</u>...que quase não tem e tal[</p> <p>L1 - <u>isso é bem de cidade grande né?</u></p> <p>L2 - oi?</p> <p>L1 - cidade que não dá para ter planejamento (?) ela está crescendo desordenadamente</p> <p>L2 - dá daria né? é que não::</p> <p>L1 - e:: <u>sempre... quem manda</u> é::... os... a::... -- como é que se diz - - ... especulação imobiliária né? ... certo local fica bom para construir todo mundo pa corre para lá né? então constrói-se muitos prédios ali e aí depois muda...</p> <p>L2 - <u>esse negócio de lei de zoneamento</u> não está funcionando?</p> <p>L1 - não que eu saiba não::... não é tão...tão forte essa lei não não consegue!.. moldar a cidade...</p> <p>L2 - não porque eu ouvi depois que... depois que estabeleceram aí::</p> <p>L1 - <u>(tem isso) porque envolve interesses econômicos muito</u>...</p> <p>FORtes muito grandes... que dobram essa lei... certo? dum...dum...dum governo para o outro...</p>	
--	--	--	--

		<p>muda a lei de zoneamento... eu não vejo funcionar... e mesmo assim seria uma restrição de... desenvolvimento... errado mas já está um montão de coisa errada certo?... muito bairro:... residencial com muita indústria dentro... principalmente bairro pobre né?... para consertar isso::não dá...a lei teria que ser... éh:: retroativa sei lá atuar sobre o que já existe</p> <p>L2 - unn uhn...</p> <p>L1 - (né? então) <u>eu Acho que ela não está conseguindo atuar</u> sobre o que vai existir... em termos ela existe</p> <p>L2 - EH::</p> <p>L1 - ela está lá mas:: não funciona... porque</p> <p>L2 - eu vejo</p> <p>L1 - acho que a economia é mais forte do que a lei... ainda...é meio incontrolável né? e acho que:... acho que esse negócio se repete ou acaba se repetindo em qualquer cidade que... atinge um certo tamanho se bem que em <u>São Paulo acho que tem um problema específico</u> de:... ter-se tornado um centro industri/ industrial... grande essas coisas tem um professor meu que vai agora pra::</p> <p>L1 - <u>quando era pequena</u> e quando era grande... ela mesma... problemática básica... \só que... quando ela cresce isso se:: se torna... aparente... não tem que ver com nada de mudança... tipo amadurecimento... certo? <u>cidade pequena tem CARro</u>... já que o número de carros é pequeno então não tem trânsito.. .</p> <p>L2 - uhn</p> <p>L1 - (<i>okay?</i>) <u>cidade (grande)</u> também tem carro você pega uma cidade pequena a proporção de carros por indivíduo pode ser maior até que uma cidade grande e não ter congestionamento... e todos os carros da cidade pequena podem fazer uma fumaceira desgraçada que não:: poluir a cidade...</p> <p>L2 - o problema seria mais quantitativo?</p> <p>L1 - então seria uma é... é são <u>quantidades</u> <u>poluição por quantidade de área existente</u> né? ... circulação de ar et cetera.. .</p> <p>L2 - (produção)...</p> <p>L1 - <u>sugestão</u>...</p> <p>L2 e Doc. «risos»)</p> <p>L1 - para continuidade</p> <p>Doc.sugestões e a <u>opinião de vocês a respeito do metrô?</u></p> <p>L2 - um elevador que anda:: «risos»))...</p>	
--	--	--	--

		<p>comentário de::</p> <p>de:... é:: (comentário) de nordestino chegando "elevador</p> <p>Doc. (autocrata)</p> <p>L2 - que anda ao contrário que anda de cá para lá aperta um botão e:: começa a andar"... éh:: sei lá... metrô?...</p> <p>L1 - <u>está meio atrasado</u> né? ... já devia ter muito tempo...</p> <p>L2 - está tendo boa aceitação né? ... em geral <u>eu nunca andei de metrô aqui</u> sabe?</p> <p>Doc.- ah:: vale a pena...</p> <p>L2 - é me disseram que va::le</p> <p>L1 - porque <u>ele ainda não está... trabalhando bem né?</u> ou seja ele está funcionando mas... acho que <u>a: causa básica dele é transporte em massa...</u> (correto?) é um meio de transporte que... não causa trânsito... não causa congestionamento o metrô... funciona diferente de vários ônibus né? (não é) um ônibus atrás do outro... mas é um transporte RApido... é uma... das opções de transporte...(agora) para você... transportar a massa... BEM <u>você não pode ter uma linha só...</u> você tem que ter várias linhas para cobrir toda a área de São Paulo e distribuir né?</p>	
--	--	---	--

A Tabela 3 mostra as porcentagens de ocorrência dos MMTs Topicalizadores:

Escrita (273 pals.)	9 19,56%
Oral (822 pals.)	24 14,28%

Tabela 3 - MMTs Topicalizadores na escrita e no oral

Discussão dos MMT Topicalizadores

Na modalidade escrita os Topicalizadores totalizaram 19,56% de ocorrência, isto é, 9 exemplares num total de 273 palavras: o primeiro parágrafo apresenta uma topicalização geral: há um 'fato estarrecedor', e todos os outros Topicalizadores estão diretamente ligados a ele apresentando fatos e questionamentos que vão guiando o leitor ao longo do texto.

Porém, essa ocorrência de Topicalizadores na escrita pode ser alta somente em relação à modalidade oral, já que, de acordo com Dafouz-Milne (2008), esses itens seriam pouco utilizados em artigos de opinião por conta de economia linguística ditada pela exigência de um texto enxuto nesse gênero discursivo. Assim, talvez, em outros gêneros escritos, os MMTs Topicalizadores possam ocorrer em menor número.

Na oralidade, verificou-se a porcentagem de 14,28% de MMTs Topicalizadores, em relação ao número de palavras do texto (822). A conversa inicia-se com um tema, a cidade o comércio, mas diferentemente da escrita, esse tema não será o elemento organizador da fala, pois, a partir dele, diversos assuntos vão surgindo, como passeios, lembranças de infância, especulação imobiliária, trânsito, poluição, metrô, transporte em massa.

Na conversa, falante e ouvinte alternam-se em turnos, e, assim, nem um nem outro tem condições de impor a continuidade de um tema, já que uma idéia acaba puxando outra. É esse fato que justifica a grande quantidade de Topicalizadores nesse gênero. Assim, o exame do todo do texto oral não apresenta coerência em relação a um propósito inicial, mas poder-se-ia falar em coerência em porções da conversa.

Essa tendência ao engate de assuntos, típico da modalidade oral, é o que podemos notar em redações de alunos, que se limitam a listar vários assuntos, ou aspectos de um fenômeno sem se preocupar em problematizar a questão - caso de uma dissertação-argumentativa - propor uma solução e apresentar uma série de argumentos em defesa de sua proposta.

(d) Verificação de Epistêmicos/Certeza e (e) Deônticos

Repito aqui o quadro das categorias que integram a análise a seguir.

Hedges (modalizadores) Expressam compromisso parcial ao valor-verdade do texto	Verbos epistêmicos	<i>pode - poderia - deve</i>
	Advérbios de probabilidade	<i>provavelmente - pode ser - talvez</i>
	Expressões epistêmicas	<i>é possível</i>
Marcadores de certeza Expressam total compromisso		<i>sem dúvida - certamente</i>
Marcadores atitudinais Expressam valores afetivos do escritor em relação ao texto e ao leitor	Verbos deônticos	<i>precisa - devemos entender - necessitamos</i>
	Advérbios atitudinais	<i>Infelizmente - pateticamente</i>
	Adjetivos atitudinais	<i>é um absurdo - é surpreendente</i>
	Verbos cognitivos	<i>sinto que - penso que - acredito que</i>

ESCRITA		ORAL	
<p align="center">TEMPLO É DINHEIRO?</p> <p align="right">CLÓVIS ROSSI</p> <p align="center">Folha de São Paulo 28/08/09</p>		<p>PROJETO NURC/SP [INQUÉRITO No. 343 - BOBINA N°. 130 - INFS. N°s. 441 e 442]</p> <p><i>Tipo de inquérito:</i> diálogo entre dois informantes (D2)</p> <p><i>Duração:</i> 80 minutos</p> <p><i>Data do registro:</i> 15/03/76</p> <p><i>Tema:</i> A cidade, o comércio.</p> <p><i>Locutor 1:</i> Homem, 26 anos, solteiro, engenheiro, paulistano, pais paulistanos, 1ª. faixa etária. (Inf. no.442)</p> <p><i>Locutor 2:</i> Mulher, 25 anos, solteira, psicóloga, paulistana, pais paulistanos, 1ª. faixa etária. (Inf. no.441)</p>	
273 palavras		822 palavras	
<p>#Passo a coluna para o deputado Chico Alencar (PSOL-RJ), porque o que ele narra <u>consegue ser estarecedor</u> mesmo em um país em que <u>parecia</u> esgotado o estoque de estarecimentos.</p> <p>#Chico fala da madrugada de 26 para 27 deste mês, em que a Câmara dos Deputados aprovou um <u>absurdo</u> projeto de lei que "dispõe sobre as garantias e direitos fundamentais ao livre exercício da crença e dos cultos religiosos" ("você sabia que estavam ameaçados?", pergunta o deputado. E você, sabia?).</p> <p>#Passemos ao estarecedor, na palavra do deputado: "Se o acordo Santa Sé/governo brasileiro já era <u>questionável</u> em vários aspectos, o acórdão com setores evangélicos (<u>não a totalidade</u>), patrocinado por <u>quase</u> todos os partidos (inclusive o "oposicionista" DEM), à exceção do PSOL, foi um <u>absurdo</u>.</p> <p>O projeto tramitou numa <u>celeridade inédita</u> (foi apresentado em julho agora) e, com o relator Eduardo Cunha (PMDB-RJ, neoevangélico), avançou a toque de caixa em plenário, sem ter sido <u>nem sequer</u> proposto no colégio de líderes".</p> <p>#Consequência da aprovação: "É o liberou geral. Agora, quem inventar uma "instituição religiosa" terá sua organização <u>obrigatoriamente</u> reconhecida pelo Estado no simples ato de criação, <u>independentemente</u> de lastro histórico e cultural, doutrina, corpo de crença. É o supermercado aberto da "fé". E a "instituição" <u>poderá modificar</u> à vontade suas instâncias. E suas atividades gozarão de todas as isenções, imunidades e benefícios - fiscais, trabalhistas, patrimoniais - possíveis e imagináveis".</p> <p>#O país já conhece o resultado do que Chico Alencar chama de "supermercado da fé", graças às denúncias do Ministério Público contra a alta cúpula de um desses "supermercados, que tem</p>	<p>E</p> <p>Cert/ E</p> <p>E</p> <p>E</p> <p>E</p> <p>C</p> <p>C</p> <p>C</p> <p>D</p> <p>C</p> <p>E</p>	<p>Doc - gostaríamos que vocês falassem a respeito da cidade e do comércio.. .</p> <p>L1 - tem saído ultimamente... de carro ?</p> <p>L2 - «risos» tenho mas você diz sair... fora... sair normalmente para a escola essas coisas?</p> <p>L1 - pegar a cidade ()</p> <p>L2 - tenho se bem que eu acho que eu conheço pouco a cidade ... por exemplo se eu for comparar com...</p> <p>L1 - você viu se está gravando direito aí?</p> <p>D - está está eu já deixo no automático...</p> <p>L1 - ah o automático não indica velô/ ...</p> <p>D - não... «vozes distantes»</p> <p>L2 - tenho saído sim... assim <u>em termos</u> mas eu por exemplo:... de sair:... éh:... sabe sair por aí:: descobrir</p> <p>L1 - uhn</p> <p>L2 - lugares novos e tal acho que meu conhecimento de São Paulo é <u>muito restrito</u> se comparar com papai por exemplo... eu fui:: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá no () né? lá na Celso Furtado</p> <p>L1 - éh::</p> <p>L2 - passei ali em frente à: Faculdade de Direito... então estava lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze... (com) a titia sabe?... e:: está <u>muito pior</u> a cidade... está... o aspecto dos prédios assim é <u>bem mais sujo</u>... tudo acinzentado né? ruas <u>mais ou menos</u> sujas... ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né? ... achei horrível... feio feio feio... e toda segunda à noite</p> <p>L2 - e: né? colinas tal mas que é <u>muito mal aproveitado</u> bom (aí você vai entrar na na) área verde...que <u>quase</u> não tem e tal[</p> <p>L1 - isso é bem de cidade grande né?</p> <p>L2 - oi?</p>	<p>E</p> <p>E</p> <p>C</p> <p>C</p> <p>C/E</p> <p>C</p> <p>E</p>

<p>também uma rede de televisão, além de templos (aliás, Chico pergunta: "templo é dinheiro?").</p>		<p>L1 - cidade que não <u>dá para ter</u> planejamento (?) ela está crescendo <u>desordenadamente</u> L2 - dá <u>caria</u> né? é que não:: L1 - e:: <u>sempre</u>... quem manda é::... os... a::... -- como é que se diz - - ... especulação imobiliária né? ... <u>certo local</u> fica bom para construir todo mundo pa corre para lá né? então constrói-se muitos prédios ali e aí depois muda... L2 - esse negócio de lei de zoneamento não está funcionando? L1 - não que eu saiba não::... não é tão...<u>tão</u> <u>forte</u> essa lei não não consegue!.. moldar a cidade... L2 - não porque eu ouvi depois que... depois que estabeleceram aí:: L1 - (tem isso) porque envolve interesses econômicos muito... FORtes muito grandes... que dobram essa lei... certo? dum...dum...dum governo para o outro... muda a lei de zoneamento... eu não vejo funcionar... e mesmo assim <u>seria</u> uma restrição de... desenvolvimento... errado mas já está um <u>montão</u> de coisa errada certo?... <u>muito bairro::...</u> <u>residencial</u> com muita indústria dentro... <u>principalmente</u> bairro pobre né?... para consertar isso:::não dá...a lei <u>teria que ser</u>... éh:: retroativa sei lá atuar sobre o que já existe L2 - unn uhn... L1 - (né? então) eu Acho que ela não está conseguindo atuar sobre o que vai existir... <u>em</u> <u>termos</u> ela existe L2 - EH::: L1 - ela está lá mas:: não funciona... porque L2 - eu vejo L1 - acho que a economia é mais forte do que a lei... ainda...é <u>meio</u> incontrolável né? e acho que::... acho que esse negócio se repete ou acaba se repetindo em qualquer cidade <u>que... atinge um certo tamanho</u> se bem que em São Paulo acho que tem um problema específico de::... ter-se tornado um centro industri/ industrial... grande essas coisas tem um professor meu que vai agora pra:: L1 - quando era pequena e quando era grande... ela mesma... problemática básica... \só que... quando ela cresce isso se::: se torna... aparente... não <u>tem que ver</u> com nada de mudança... tipo amadurecimento... certo? cidade pequena tem CAro... já que o número de carros é pequeno então não tem trânsito.. .</p>	<p>E C E C E C E E/E C E E E E D</p>
---	--	--	---

--	--	--	--

A Tabela 4 apresenta as ocorrências, em porcentagem, dos MMIs Epistêmicos, dos Marcadores de Certeza e dos Deônticos.

	Epistêmicos	Certeza	Deônticos
Escrita (273 pals.) 12 marcadores (26,10%)	6 50%	5 40%	1 10%
Oral (822 pals.) 31 marcadores (18,45%)	19 61%	8 26%	4 13%

Tabela 4 - MMIs Epistêmicos, Marcadores de Certeza e Deônticos.

Discussão dos MMIs Epistêmicos, Marcadores de Certeza e Deônticos

Os resultados dos MMIs Epistêmicos, Marcadores de Certeza e Deônticos mostram que a ocorrência desses MMs não difere muito entre a modalidade escrita e a oral (26,10% X 18,45%). No entanto, se consideramos a ocorrência de cada um dos MMIs aqui relacionados, há diferenças. Assim, dentre os 12 marcadores na escrita, 50% das ocorrências são de MMIs Epistêmicos e que, dentre os 31 marcadores no oral, 61% representam esses MMIs. Essas altas porcentagens (50% x 61%) mostram a preocupação de escritor e também de falante em se acautelar, através de *hedges* - meios de proteção - ao emitirem suas opiniões. Essa atitude é relativamente mais alta na modalidade oral, neste caso, talvez por que a interação, tendo envolvido pessoas que não se conheciam, não envolveu oposição mais agressiva.

Este resultado condiz com os resultados encontrados por Dafouz-Milne (2008), em estudo em que analisou artigos de opinião das línguas espanhola e inglesa, o que mostra que mesmo em termos culturais, modalizações epistêmicas constituem um importante recurso utilizado por escritores como forma de mitigar a informação.

Quanto aos MMIs de Certeza, pode-se verificar que a escrita apresenta maior ocorrência desses marcadores (40%), muito mais que no oral (26%), o que parece indicar que na escrita, sem a presença do interlocutor, é mais fácil a expressão de

certeza por parte do escritor. Já na situação face a face, essa porcentagem de 26% parece mostrar que há maior cuidado por parte do falante em evitar o risco de uma afirmação mais categórica a esse respeito.

Os MMIs Deônticos foram os que apresentaram menor ocorrência em relação aos demais. Considerando os gêneros examinados - artigo de opinião e conversa sobre assuntos referentes à cidade dos falantes -, não é de admirar que marcadores de obrigatoriedade tenham sido raros. No primeiro gênero, o autor aponta para uma situação 'estarrecedora', e passa a demonstrar a realidade dessa característica através de uma argumentação não preocupada em apontar a obrigação por nenhuma das partes envolvidas. No segundo caso, nem o engenheiro, nem a psicóloga, utilizam-se de léxico deôntico na descrição dos problemas de uma cidade grande.

(f) Verificação de Comentários (pergunta retóricas, expressões inclusivas e endereçamento direto)

ESCRITA		ORAL	
<p>TEMPLO É DINHEIRO?</p> <p>CLÓVIS ROSSI</p> <p>Folha de São Paulo 28/08/09</p>		<p>PROJETO NURC/SP [INQUÉRITO No. 343 - BOBINA N°. 130 - INFS. N°.s. 441 e 442]</p> <p><i>Tipo de inquérito:</i> diálogo entre dois informantes (D2)</p> <p><i>Duração:</i> 80 minutos</p> <p><i>Data do registro:</i> 15/03/76</p> <p><i>Tema:</i> A cidade, o comércio.</p> <p><i>Locutor 1:</i> Homem, 26 anos, solteiro, engenheiro, paulistano, país paulistanos, 1ª. faixa etária. (Inf. no.442)</p> <p><i>Locutor 2:</i> Mulher, 25 anos, solteira, psicóloga, paulistana, país paulistanos, 1ª. faixa etária. (Inf. no.441)</p>	
273 palavras		822 palavras	
<p>#Passo a coluna para o deputado Chico Alencar (PSOL-RJ), porque o que ele narra consegue ser estarrecedor mesmo em um país em que parecia esgotado o estoque de estarrcimentos.</p> <p>#Chico fala da madrugada de 26 para 27 deste mês, em que a Câmara dos Deputados aprovou um absurdo projeto de lei que "dispõe sobre as garantias e direitos fundamentais ao livre exercício da crença e dos cultos religiosos" ("<u>você</u> sabia que estavam <u>ameaçados?</u>", pergunta o deputado. E <u>você</u>, <u>sabia?</u>).</p> <p>#<u>Passemos</u> ao estarrecedor, na palavra do deputado: "Se o acordo Santa Sé/governo brasileiro já era questionável em vários aspectos, o acórdão com setores evangélicos (não a totalidade), patrocinado por quase todos os partidos (inclusive o "oposicionista" DEM), à exceção do PSOL, foi um absurdo. O projeto tramitou numa celeridade inédita (foi</p>	<p>end/perg</p> <p>end/perg</p> <p>inclusivo</p>	<p>Doc - <u>gostaríamos</u> que <u>você</u>s falassem a respeito da cidade e do comércio... .</p> <p>L1 - tem saído ultimamente... de carro ?</p> <p>L2 - «risos» tenho mas <u>você</u> diz sair... fora... sair normalmente para a escola essas coisas?</p> <p>L1 - pegar a cidade ()</p> <p>L2 - tenho se bem que eu acho que eu conheço pouco a cidade ... por exemplo se eu for comparar com...</p> <p>L1 - <u>você</u> viu se está gravando direito aí?</p> <p>D - está está eu já deixo no automático...</p> <p>L1 - ah o automático não indica velô/ ...</p> <p>D - não... «vozes distantes»</p> <p>L2 - tenho saído sim... assim em termos mas eu por exemplo:... de sair:... éh:... sabe sair por aí:: descobrir</p> <p>L1 - uhn</p> <p>L2 - lugares novos e tal acho que meu conhecimento de São Paulo é muito restrito se</p>	<p>incl/end</p> <p>end</p> <p>End</p>

<p>apresentado em julho agora) e, com o relator Eduardo Cunha (PMDB-RJ, neoevangélico), avançou a toque de caixa em plenário, sem ter sido nem sequer proposto no colégio de líderes".</p> <p>#Consequência da aprovação: "É o liberou geral. Agora, quem inventar uma "instituição religiosa" terá sua organização obrigatoriamente reconhecida pelo Estado no simples ato de criação, independentemente de lastro histórico e cultural, doutrina, corpo de crença. É o supermercado aberto da "fé". E a "instituição" poderá modificar à vontade suas instâncias. E suas atividades gozarão de todas as isenções, imunidades e benefícios - fiscais, trabalhistas, patrimoniais - possíveis e imagináveis".</p> <p>#O país já conhece o resultado do que Chico Alencar chama de "supermercado da fé", graças às denúncias do Ministério Público contra a alta cúpula de um desses "supermercados, que tem também uma rede de televisão, além de templos (aliás, Chico pergunta: "<u>templo é dinheiro?</u>").</p>	<p>perg</p>	<p>comparar com papai por exemplo... eu fui: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá no () né? lá na Celso Furtado</p> <p>L1 - éh::</p> <p>L2 - passei ali em frente à: Faculdade de Direito... então estava lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze... (com) a titia sabe?... e:: está muito pior a cidade... está... o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo... <u>tudo acinzentado né?</u> ruas mais ou menos sujas... ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé <u>tudo esburacado por causa do metrô né?</u> ... achei horrível... feio feio feio... e toda segunda à noite</p> <p>L2 - e: né? colinas tal mas que é muito mal aproveitado bom (aí <u>você</u> vai entrar na na) área verde...que quase não tem e tal[</p> <p>L1 - isso é bem de cidade grande né?</p> <p>L2 - oi?</p> <p>L1 - cidade que não dá para ter planejamento (?) ela está crescendo desordenadamente</p> <p>L2 - <u>dá daria né?</u> é que não::</p> <p>L1 - e:: sempre... quem manda é::... os... a::... -- como é que se diz - - ... <u>especulação imobiliária né?</u> ... certo local fica bom para construir todo mundo pa corre para lá né? então constrói-se muitos prédios ali e aí depois muda...</p> <p>L2 - esse negócio de lei de zoneamento não está funcionando?</p> <p>L1 - não que eu saiba não::... não é tão...tão forte essa lei não não consegue.'.. moldar a cidade...</p> <p>L2 - não porque eu ouvi depois que... depois que estabeleceram aí::</p> <p>L1 - (tem isso) porque envolve interesses econômicos muito...</p> <p>FORtes muito grandes... que dobram essa lei... <u>certo?</u> dum...dum...dum governo para o outro... muda a lei de zoneamento... eu não vejo funcionar... e mesmo assim seria uma restrição de... desenvolvimento... errado mas já está um montão de coisa errada <u>certo?</u>... muito bairro::... residencial com muita indústria dentro... <u>principalmente bairro pobre né?</u>... para consertar isso:::não dá:::a lei teria que ser... éh:: retroativa sei lá atuar sobre o que já existe</p> <p>L2 - unn uhn...</p> <p>L1 - (né? então) eu Acho que ela não está conseguindo atuar sobre o que vai existir... em termos ela existe</p>	<p>Perg</p> <p>perg</p> <p>end</p> <p>perg</p> <p>perg</p> <p>perg</p> <p>perg</p> <p>perg</p>
---	-------------	---	--

	<p>L2 - EH::</p> <p>L1 - ela está lá mas:: não funciona... porque</p> <p>L2 - eu vejo</p> <p>L1 - acho que a economia é mais forte do que a lei... ainda...é meio <u>incontrolável né?</u> e acho que:... acho que esse negócio se repete ou acaba se repetindo em qualquer cidade que... atinge um certo tamanho se bem que em São Paulo acho que tem um problema específico de:... ter-se tornado um centro industri/ industrial... grande essas coisas tem um professor meu que vai agora pra::</p> <p>L1 - quando era pequena e quando era grande... ela mesma... problemática básica... \só que... quando ela cresce isso se:: se torna... aparente... não tem que ver com nada de mudança... tipo amadurecimento... <u>certo?</u> cidade pequena tem CArro... já que o número de carros é pequeno então não tem trânsito.. .</p> <p>L2 - uhn</p> <p>L1 - (<i>okay?</i>) cidade (grande) também tem carro <u>você</u> pega uma cidade pequena a proporção de carros por indivíduo pode ser maior até que uma cidade grande e não ter congestionamento... e todos os carros da cidade pequena podem fazer uma fumaceira desgraçada que não:: poluir a cidade...</p> <p>L2 - o problema seria mais quantitativo?</p> <p>L1 - então seria uma é... é são quantidades <u>poluição por quantidade de área existente né?</u> ... circulação de ar et cetera.. .</p> <p>L2 - (produção)...</p> <p>L1 - sugestão...</p> <p>L2 e Doc. «risos»)</p> <p>L1 - para continuidade</p> <p>Doc.sugestões e a opinião de <u>vocês</u> a respeito do metrô?</p> <p>L2 - um elevador que anda:: «risos»)... comentário de::</p> <p>de:... é:: (comentário) de nordestino chegando "elevador</p> <p>Doc. (autocrata)</p> <p>L2 - que anda ao contrário que anda de cá para lá aperta um botão e:: começa a andar"... éh:: sei lá... metrô?...</p> <p>L1 - está <u>meio atrasado né?</u> ... já devia ter muito tempo...</p> <p>L2 - está tendo boa aceitação né? ... em geral eu nunca andei de metrô aqui sabe?</p>	<p>Perg</p> <p>perg</p> <p>end</p> <p>perg</p> <p>end</p> <p>perg</p>
--	---	---

para o oral), mostram novamente a preocupação do produtor do texto em envolver o interlocutor.

Quanto ao uso Expressões Inclusivas (escrita: 17%, e oral: 5%), os resultados mostram que a modalidade escrita, que não conta com a presença do leitor real, mas sim com um leitor virtual, lança mão de recursos que envolvem o leitor, na tentativa de ganhar sua adesão à argumentação que propõe. Já a modalidade oral, com apenas 5% de MMIs Inclusivos, parece mostrar que a simples presença dos interlocutores preencha essa função, através de gestos e olhares que indicam o envolvimento com o assunto em foco.

Talvez porque na conversa o uso dos MMIs de Comentário seja menos necessário, pode-se perceber a dificuldade de os alunos trabalharem com esses itens interpessoais em seus textos.

4.1 A Ocorrência de MMTs e MMIs na Modalidade Oral e na Modalidade Escrita

A Tabela 6 apresenta as ocorrências, em porcentagem, dos MMTs e MMIs resultantes da análise.

MARCADORES METADISCURSIVOS TEXTUAIS (MMT)		Escrita (%)	Oral (%)
Lógicos Expressam relações semânticas entre trechos do discurso		30,43	47,06
Sequenciadores Marcam posições em uma série		10,89	5,35
Topicalizadores Indicam mudança de tópico		19,56	14,28
MARCADORES METADISCURSIVOS INTERPESSOAIS (MMI)			
Epistêmicos Expressam compromisso parcial ao valor-verdade do texto		13,04	11,30
Certeza Expressam total compromisso		10,89	4,76
Deônticos		2,17	2,38
Comentários	Pergunta Retórica	6,52	8,92
	Expressão Inclusiva	2,17	0,60
	Endereçamento Direto	4,34	5,35

	Totais	100	100
--	---------------	------------	------------

Tabela 6 - MMTs e MMIs verificados nos dados.

Nas duas modalidades a preponderância quanto ao uso de marcadores metadiscursivos ficou para os MMTTextuais. Entretanto podemos perceber na oral maior presença desses marcadores em relação à escrita. Por outro lado, a presença de MMInterpessoais foi levemente maior na escrita que na oral. Um olhar atento nas subcategorias que constituem as taxonomias textual e interpessoal também revela diferenças bastante interessantes quanto ao uso desses marcadores pelo escritor/falante.

Quanto ao uso de MMT Lógicos, três fatores nos chamam a atenção. Primeiro com relação ao uso de conjunções subordinativas e coordenativas: na oralidade a presença delas é muito maior, fato que nos surpreendeu, pois a expectativa era pelo oposto, e por diversas vezes os mesmos marcadores se repetem: *mas, e, então, porque*. Segundo, com relação ao uso relações implícitas no oral: se na escrita não apareceu esse tipo de relação, na fala ocorreu bastante, sugerindo que alunos tenham dificuldade em trabalhar com marcadores Lógicos porque na fala não os usam, e quando o fazem é através dos mais corriqueiros como já apontamos. Terceiro, com relação ao uso de orações adjetivas na escrita: os pronomes relativos constituíram o principal tipo de marcador Lógico dessa modalidade, evidenciando que o escritor busca em potencial ancorar suas informações em orações adjetivas, fornecendo dados que o ajudem a convencer a audiência. Isso não acontece na conversa, e como consequência disso, vemos alunos com uma tremenda dificuldade para empregar pronomes relativos em seus textos, principalmente os pronomes *onde e cujo*.

A utilização de Sequenciadores também é foco de problemas na escrita por parte de estudantes: na conversa o número de ocorrências desses marcadores é baixa se comparado com a escrita, em que o texto é todo estruturado por meio deles. Na oral, vários assuntos se misturam sem que haja uma sequência explícita, e dessa maneira também se apresentam as produções textuais, os alunos falam de vários assuntos no mesmo parágrafo sem concluir nenhum, apenas jogam as idéias no papel de forma aleatória.

Semelhante processo ocorre com o uso de Topicalizadores. Se na escrita o autor organiza as partes do texto de modo que a argumentação caminhe numa certa direção pretendida, na oralidade os tópicos vão entrando na conversa sem um elemento organizador, as idéias vão se enfileirando caoticamente, como nos textos dos alunos, em que aspectos de um tema são colocados sem organização, mostrando que eles não sabem que pontos de vista estão defendendo, o que resulta, muitas vezes, em construções desastrosas, incoerentes.

No que diz respeito à utilização de MMInterpessoais nas duas modalidades, os Epistêmicos foram os mais preponderantes e seu resultado foi bastante equilibrado entre a escrita e a oral. Semelhante equilíbrio de ocorrências se deu com os Deônticos, porém foram os MMIs que menos apareceram no *corpus*. Já em relação aos Marcadores de Certeza, houve uma diferença de aproximadamente 100% de ocorrências a mais na escrita em comparação com a oral. Isso mostra que a argumentação, no texto escrito, é bem mais radical, o escritor, aproveitando-se do fato de não estar na presença de seu interlocutor, não mede esforços para atingir o ponto desejado, ou seja, convencer a audiência. Por outro lado, na oralidade o fato de estarem frente a frente, falante e ouvinte, impede-os de serem tão radicais, eles modalizam o tempo todo como forma de garantirem proteção à face.

Em relação aos Comentários, os resultados de Perguntas Retóricas e Endereçamentos Diretos também foram bastante parecidos, o que não se verificou com as Expressões Inclusivas, na escrita houve um percentual de, em média, 200% mais ocorrências que na oral em relação a essa subcategoria. Se essas expressões são utilizadas com a função de envolver o leitor e trazê-lo para o lado do escritor, esse resultado prova que o escritor sabe muito bem operar com esses MMIs para garantir a persuasão com a audiência. Já que a predisposição dos alunos é de transferir, para a escrita, características da fala, a baixa ocorrência dessa subcategoria no oral também coloca em evidência o fato de os alunos não empregarem, em seus textos, importantes MMIs que os ajudem a persuadir sua potencial audiência.

Ao compararmos os resultados obtidos por Dafouz-Milne (2008), em que os MMIs Epistêmicos (*Hedges*) foram os mais numerosos nos artigos por ela analisados, e as expectativas de Hempel e Degand (2007) que afirmam que no jornal, devemos esperar maior ocorrência de metadiscorso organizacional, tais fatos se confirmaram também nesta pesquisa, e não só com a escrita. Na oralidade

também tivemos a preponderância de Lógicos entre os MMTs, e de *Hedges* entre os MMIs, entretanto a diferença no uso dos MMs nas duas modalidades se fez notar especialmente nas subcategorias e foram decisivas para comprovar que os alunos realmente desconhecem que a léxico-gramática da modalidade oral é bem diferente daquela da modalidade escrita.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão dos resultados permite afirmar que a sintaxe característica de cada uma das modalidades aqui estudadas é bem diversa uma da outra, o que explicaria a grande dificuldade que os alunos apresentam ao produzirem textos escritos, na medida em que a retextualização do oral para a escrita exigiria deles a mudança de uma para a outra.

De um modo geral, vê-se que, quanto a MMTs Lógicos, a escrita caracteriza-se pela grande porcentagem de orações subordinadas adjetivas, e menor número de orações subordinadas substantivas ou adverbiais, fato que nos surpreendeu, pois a expectativa era pelo contrário. Entretanto, o menor número de orações coordenadas na escrita confirma a tradição: a coordenação é mais comum na fala. Por outro lado, as relações implícitas prevalecem na modalidade oral em relação à escrita, o que pode esclarecer a razão de os alunos omitirem os conectivos em suas produções escritas.

O uso de MMTs Sequenciadores prevalece na escrita, já que, na ausência do leitor, o escritor precisa sinalizar claramente a ordem em que os assuntos aparecem, para facilitar ao leitor o acompanhamento de seu raciocínio. O baixo número desses MMTs na oralidade é também uma característica das produções dos alunos que, com a bagagem da sintaxe da modalidade oral que possuem, não conseguem explicitar devidamente a sequencialização desejada, e acabam prejudicando a coesão textual e a coerência discursiva.

Em relação à ocorrência de MMTs Topicalizadores na escrita, ela se dá de maneira organizada: todos os marcadores dessa subcategoria estão relacionados ao primeiro marcador que aparece já no início do texto e vão encaminhando o leitor na direção pretendida pelo escritor; por outro lado, na oral falante e ouvinte alternam-se em turnos, e, assim, nem um nem outro tem condições de impor a continuidade de um tema, já que uma ideia acaba puxando outra. É esse fato que justifica a grande quantidade de Topicalizadores nesse gênero. Essa tendência ao engate de assuntos, típico da modalidade oral, é o que podemos notar em redações de alunos, que se limitam a enumerar diversos assuntos, ou aspectos de um fenômeno sem se preocupar em problematizar a questão, propor uma solução e apresentar argumentos em defesa de sua tese.

Quanto à presença de MMInterpessoais no *corpus* da pesquisa, o uso predominante de expressões epistêmicas revelou que nas duas modalidades o escritor/falante tenta se acautelar, através de *hedges*, ao emitirem suas opiniões. Essa atitude foi relativamente mais alta na modalidade oral, o que talvez tenha ocorrido devido à interação que, neste caso, envolvia pessoas desconhecidas e, como forma de garantir proteção a sua face, mitigaram a oposição. A escrita apresentou maior número de Marcadores de Certeza em relação à oral, o que demonstra que na ausência do interlocutor, é mais fácil a expressão de certeza por parte do escritor. Já na situação face a face, a menor porcentagem indica que há maior cuidado por parte do falante em evitar o risco de uma afirmação mais categórica a esse respeito. MMIs Deonticos foram os menos típicos em relação aos demais nas duas modalidades. Considerando os gêneros examinados não é de admirar que marcadores de obrigatoriedade tenham sido raros. Na escrita, o autor aponta para uma situação 'estranhadora', e passa a demonstrar essa realidade por meio de uma argumentação não preocupada em apontar a obrigação por nenhuma das partes envolvidas. Na oral, os falantes envolvidos não se utilizam de léxico deontico na descrição dos problemas de uma cidade grande para não comprometerem a face

Os MMIs Comentários também são típicos das duas modalidades, principalmente no que diz respeito ao uso equilibrado de Perguntas Retóricas e de Endereçamentos como forma de envolver o interlocutor. Já quanto ao uso Expressões Inclusivas, os resultados mostram que a modalidade escrita, que não conta com a presença do leitor real, lança mão de recursos que envolvem o leitor, na tentativa de ganhar sua adesão à argumentação que propõe; na modalidade oral, o menor uso parece mostrar que a simples presença dos interlocutores preencha essa função, através de gestos e olhares que indicam o envolvimento com o assunto em pauta.

Diante dessas constatações, podemos afirmar que as perguntas de pesquisa foram respondidas, conforme se esclarece a seguir.

A primeira pergunta de pesquisa: (a) Quais são os MMTs e os MMIs que mais ocorrem na modalidade oral e na modalidade escrita?

Nas duas modalidades a preponderância quanto ao uso de marcadores metadiscursivos ficou para os MMTextuais. Entretanto podemos perceber na oral maior presença desses marcadores em relação à escrita. Dentre os MMTextuais, os que ocorrem em maior número em ambas modalidades são os MMTs Lógicos (30,43% na escrita e 47,06% na oral) demonstrando que o escritor/falante tem como principal foco o esclarecimento das relações entre as partes do texto. Por outro lado, a presença de MMInterpessoais foi levemente maior na escrita que na oral. Os MMIs mais presentes no *corpus* foram os Epistêmicos, com 13,04% de ocorrências na escrita, e 11,30% na oral, o que sugere que os *hedges* são uma estratégia importante na tentativa de mitigar a informação e proteger a face.

A segunda pergunta de pesquisa: (b) De que modo essas ocorrências ajudam a compreender a sintaxe característica dessas modalidades?

Essas ocorrências ajudam a compreender a sintaxe das duas modalidades analisadas na medida em que, de acordo com o gênero, artigo de opinião ou conversa, a tipicidade de ocorrência de MMTs ou MMIs se dá de forma distinta, o que mostra, tanto ao estudioso da língua como ao aluno em vias de produzir um texto escrito, que o uso de um ou outro MM além de servir a propósitos específicos, tem um determinado efeito ao ser utilizado. A compreensão desse fenômeno garantiria ao aluno destreza na produção escrita ou oral uma vez que daria a ele a possibilidade de entender até que ponto fala-se e escreve-se em línguas diferentes.

A presente pesquisa, entretanto, não tem a pretensão de ser encarada como um estudo amplo, pois as constatações aqui anotadas referem-se apenas ao *corpus* utilizado. Essa limitação leva ao interesse pela investigação de outras manifestações da escrita e da oral, que podem, e devem ser estudadas, de maneira que o estudo de MMs, inquestionavelmente amplo e participante efetivo do processo da comunicação, possa ter grande parte da sua natureza revelada, daí a necessidade do prosseguimento dos estudos desse fenômeno.

REFERÊNCIAS

- BERBER SARDINHA, Tony. Análise de Metáfora em Corpora. *Ilha do Desterro* (UFSC), v. 52, p. 167-201, 2007.
- BORDERÍA, Salvador Pons. Do discourse markers exist? On the treatment of discourse markers in Relevance Theory. *Journal of Pragmatics*, n. 40, p. 1411-1434, 2008.
- CASTILHO, A.T.; PRETI, D. (orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. V. 1 – Elocuções Formais*. SP: T.A.Queiroz, Editor, Ltda., 1986.
- CHAROLLES, M. L'encadrement du discours: univers, champ, domaines et space. *Cahier de Recherche Linguistique*, v. 6, p. 1-73, 1997.
- COATES, J. *Epistemic modality and spoken discourse*. In: Transactions of the Philological Society. Oxford: Blackwell, 1987.
- CONNOR, U. *Contrastive rhetoric: cross-cultural aspects of Second Language Writing*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- DAFOUZ-MILNE, Emma. The pragmatic role of textual and interpersonal metadiscourse markers in the construction and attainment of persuasion: a cross-linguistic study of newspaper discourse. *Journal of Pragmatics*, v. 40, p. 95-113, 2008.
- DAFOUZ, Emma. Metadiscourse revisited: a contrastive study of persuasive writing in professional discourse. *Estudios Ingleses de la Universidad Complutense*, v. 11, p. 29-52, 2003.
- DUCROT, O., et al. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter, 1994.
- FRASER, Bruce. Topic orientation markers. *Journal of Pragmatics*, v. 41, p. 892-898, 2009.
- FRASER, Bruce. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, v. 31, p. 931-952, 1999.
- FRASER, Bruce. An approach to discourse markers. *Journal of Pragmatics*, v. 14, p. 383-398, 1990.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M.A.K., HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in english*. London: Longman, 1976.
- HALLIDAY, M.A.K. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1974.

- HEMPEL, Suzanne e DEGAND, Liesbeth. Sequencers in different text genres: academic writing, journals and fiction. *Journal of Pragmatics*, v. 40, p. 676-693, 2008.
- HYLAND, Ken. *Metadiscourse, exploring interaction in writing*. Oxford: Continuum, 2005.
- HYLAND, Ken, TSE, Polly. Metadiscourse in academic writing: a reappraisal. *Applied Linguistics*, v. 25, p. 156-177, 2004.
- HYLAND, Ken. Persuasion and context: the pragmatics of academic discourse. *Journal of Pragmatics*, v. 30, p. 437-455, 1998a.
- LEE, Sook Hee. An integrative framework for the analyses of argumentative-persuasive essays from an interpersonal perspective. *Text & Talk*, v. 28, p. 270-339, 2008.
- MAO, L.R. I conclude not: toward a pragmatic account of metadiscourse. *Rhetoric Review*, v. 11, p. 265-89, 1993.
- MAURANEN, Anna. *Cultural differences in academic rhetoric*. Frankfurt: Peter Lang, 1993.
- REDEKER, Gisela. Ideational and pragmatic markers of discourse structure. *Journal of Pragmatics*, v. 14, p. 367-381, 1990.
- RISSE, M.S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura *bom, bem, olha, ah*, no português culto falado. In: MOURA NEVES, M.H. (Org.) *Gramática do Português Falado – v. VII: Novos Estudos*. SP: FAPESP; UNICAMP, 1999.
- RISSE, M.S. O articulador discursivo ‘então’. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (Org.) *Gramática do Português - v. IV: Estruturas Descritivas*. SP: FAPESP; UNICAMP, 1996.
- RISSE, M.S., URBANO, H. *Marcadores conversacionais: uma busca de traços padrões*. Projeto de pesquisa apresentado no VI Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado. Campos do Jordão, 1992.
- ROULET, Eddy et al. *L’articulation du discours en français contemporain*. Berna: Peter Lang, 1985.
- SCHIFFRIN, D. Discourse markers: language, meaning and context. In: SCHIFFRIN, D., TANNEN, D., HAMILTON, H.E. (Org.), *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden: Blackwell, 2001.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SPERBER, D. WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.

TABOADA, Maite. Discourse markers as signals (or not) of rhetorical relations. *Journal of Pragmatics*, v. 38, p. 567-592, 2006.

THOMPSON, Geoff. Interaction in academic writing: learning to argue with the reader. *Applied Linguistics*, v. 22, p. 58-78, 2001.

THOMPSON, G. & THETELA, P. The sound of one hand clapping: The management of interaction in written discourse. *Text*, v. 15, p. 103-127, 1995.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)